



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELIETE CUNHA DA SILVA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Desafios dos professores na EMEF Engº
Francisco Barros, Distrito de Campo Verde, Itaituba-PA**

ITAITUBA – PA

2019

ELIETE CUNHA DA SILVA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Desafios dos professores na EMEF Engº
Francisco Barros, Distrito de Campo Verde, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA – PA
2019

SILVA, Eliete Cunha da.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Desafios dos professores na EMEF Engº Francisco Barros, Itaituba-PA / Eliete Cunha da Silva - Itaituba: CLPP da FAI, 2019.

59 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2019.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Avaliação da Aprendizagem. 2. Ensino Fundamental. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2019.

ELIETE CUNHA DA SILVA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Desafios dos professores na EMEF Engº
Francisco Barros, Distrito de Campo Verde, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Ma. Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____

Profª Ma. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____

Profº. Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliadora: _____ Nota: _____

Profº Esp. Dhemesbraene Soares da Silva

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 02 de Março de 2019.

*Primeiramente ao meu Deus, que me deu a vida e sempre me
protegeu; ao meu filho, João Guilherme Cunha Alves. Dedico
essa grande conquista em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, por ser essencial na minha vida, mesmo buscando uma formação profissional nunca permitiu que eu esquecesse meus princípios, sendo o maior mestre que alguém pode ter, pela saúde e força para superar as dificuldades.

A minha família, minha mãe heroína que um dia sonhou com esse momento e colocou na minha mente que seria possível, ao meu pai, homem de poucas palavras mais que é possível ver no seu olhar o orgulho que sente que para mim foi muito importante. Meus irmãos, em especial Eliane Cunha, Gilson Cunha e James Cunha, que mesmo distantes pareciam presentes em alguns momentos, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Agradeço ao meu esposo, pela compreensão, por entender que a ausência era necessária para a construção de um futuro melhor, ao meu filho que mesmo sem entender me dava a maior força para continuar, mesmo nos momentos difíceis. O meu muito obrigada.

Aos demais familiares, minha avó Maria Paiva; aos meus sobrinhos; aos minhas tias, primos e primas, pelas vibrações positivas.

Não poderia deixar de agradecer a minha secretária D. Edileusa de Jesus, pelo cuidado dedicados a mim e ao meu filho, que durante três períodos deixou de cuidar da sua família para cuidar do meu filho, enquanto eu estudava. O meu muito obrigada!

A minha orientadora, Professora Mestra Elina Renilde, pelo empenho dedicado na elaboração deste trabalho, suas orientações foram muito importantes para a conclusão do mesmo.

A todos os professores e professoras que colaboraram com o meu conhecimento intelectual e profissional, pela paciência de nos ensinar e nos acompanhar esses quatro anos, o meu sincero agradecimento a esses profissionais.

Aos amigos Poliana Gomes, Franciane Nascimento, Darliane Araújo e Jailson da Conceição, companheiros de trabalho e irmão na amizade que fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A todos os colaboradores dessa pesquisa, professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Engº Francisco Barros.

A avaliação deve ser um instrumento para estimular o interesse e motivar o aluno para maior esforço e aproveitamento, e não uma arma de tortura ou punição. (HAYDT, 1992).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo compreender o processo de avaliação da aprendizagem nos anos iniciais na escola Engº Francisco Barros, distrito de Campo Verde, Itaituba-PA, assim como verificar os desafios encontrados pelos professores no cotidiano escolar. A avaliação é parte imprescindível nesse processo para que tanto o aluno quanto o professor saibam se estão alcançando seus objetivos. Entretanto, o processo avaliativo no âmbito escolar está envolto em contradições, complexidades. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica com diversos autores que tratam da temática, e uma pesquisa de campo através de questionários com (13) professores que atuam no ensino fundamental menor, ou seja, do 1º ao 5º ano. O resultado da pesquisa mostra que os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores dependem dos objetivos traçados no planejamento, faz-se necessário que o professor tenha seus objetivos definidos para poder alcança-los. As dificuldades são muitas, dentro e fora da sala de aula que dificultam o trabalho do professor e somente utilizando metodologias diferenciadas, usando prática inovadoras, trabalhando com o nível do aluno irá alcançar os objetivos propostos. Os desafios são muitos e requer muito compromisso do professor e ele precisa estar preparado, pois apesar de difícil o ato de avaliar todo professor é capaz de fazê-lo.

Palavras-Chaves: Avaliação. Ensino e Aprendizagem. Ensino fundamental.

ABSTRACT

This course was designed to understand the process of evaluation of learning in the early years of the Engº Francisco Barros school, Campo Verde district, Itaituba-PA, as well as to verify the challenges encountered by teachers in school life. Assessment is an essential part of this process so that both the student and the teacher know if they are achieving their goals. However, the evaluation process in the school context is surrounded by contradictions, complexities. A bibliographical research was carried out with several authors that deal with the subject, and a field research through questionnaires with (13) teachers who work in minor elementary education, that is, from the 1st to the 5th year. The results of the research show that the evaluation instruments used by teachers depend on the objectives set in the planning, it is necessary that the teacher has his defined objectives in order to reach them. The difficulties are many, inside and outside the classroom that hinder the work of the teacher and only using differentiated methodologies, using innovative practice, working with the student level will achieve the proposed objectives. The challenges are many and requires a lot of commitment from the teacher and he needs to be prepared, because although difficult the act of evaluating every teacher is able to do so.

Keywords: Evaluation. Teaching and learning. Elementary School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Por que você avalia assim Como a escola auxilia no desenvolvimento afetivo do educando?.....	47
Quadro 2. Como você procede se o aluno não estiver correspondendo aos objetivos propostos daquela aula?	48
Quadro 3. Os instrumentos de avaliação utilizados para averiguar a aprendizagem do aluno devem ser variados às diferenças individuais. Você concorda com essa afirmação? Esse é o seu procedimento, enquanto professor do ensino fundamental?	49
Quadro 4. Quais as suas maiores dificuldades ao avaliar o seu aluno?	50
Quadro 5. Em sua opinião qual a melhor forma de avaliar o desempenho do aluno?	51
Quadro 6. Em sua opinião, Quando uma avaliação deve ser realizada? Em Quais situações ou momentos?	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. A avaliação da aprendizagem acontece na escola, cumpre seu papel?...45

Gráfico 2. Quais as estratégias que você utiliza para avaliar seu aluno? 46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO.....	13
1.1 AVALIAÇÃO ESCOLAR: ASPECTOS CONCEITUAIS.....	13
1.2 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A AVALIAÇÃO.....	17
1.3 TIPOS DE AVALIAÇÃO.....	23
2 DESAFIOS NA PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	28
2.1 O QUE AVALIAR?.....	28
2.2 DESAFIOS DOCENTES NA AVALIAÇÃO ESCOLAR	33
2.3 AVALIAÇÃO ESCOLAR COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM.....	37
3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS DOS PROFESSORES NA EMEF ENGº FRANCISCO BARROS, ITAITUBA/PA.....	42
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	43
3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES ACERCA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR...44	
3.4 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	56
APÊNDICE.....	58

INTRODUÇÃO

O período dos anos iniciais do Ensino fundamental é a base para o bom desenvolvimento do aluno na sua vida acadêmica. De forma que, o processo ensino-aprendizagem aconteça levando o educando ao desenvolvimento desejável nessa fase. Assim, a avaliação é parte imprescindível nesse processo para que tanto o aluno quanto o professor saibam se estão alcançando seus objetivos. Entretanto, o processo avaliativo no âmbito escolar está envolto em contradições, complexidades.

Algumas instituições e professores usam as provas como um instrumento para medir o rendimento escolar dos seus alunos, priorizando-a como “medidor” das aprendizagens, somando acertos e erros e atribuindo a eles uma “nota”, mera expressão de conhecimentos, muitas vezes ignorando o sujeito como um todo. Por outro lado, um professor comprometido com a qualidade da educação, responsável e seguro da sua prática docente, orienta as atividades de aprendizagem dos alunos colaborando na construção/reconstrução do conhecimento, irá encarar a avaliação como um processo orientador, como forma de diagnosticar os avanços e dificuldades dos alunos indicando assim um replanejamento do seu trabalho.

O objetivo desse estudo foi compreender o processo de avaliação da aprendizagem nos anos iniciais na Escola Municipal de Ensino Fundamental Engº Francisco Barros, assim como verificar os desafios encontrados pelos professores no cotidiano escolar. Para tanto, levantou-se alguns questionamentos que nortearam este estudo, a saber: Como os professores compreendem a avaliação da aprendizagem do aluno? Como acontece o processo avaliativo dos professores que atuam nos iniciais do ensino fundamental? Quais os maiores desafios encontrados pelos professores dos anos iniciais na prática da avaliação?

Como metodologia, este trabalho se fundamentou por meio da pesquisa bibliográfica em diversos autores, como: Luckesi (2011), Hoffmann (1998, 2003, 2005), Barbosa (2008) e Both (2011), pois, a longa data vem afirmando que a avaliação não é apenas uma ferramenta de domínio, coerção e aprovação. A avaliação da aprendizagem deve direcionar para a aquisição de conhecimento que auxiliem e norteiem as práticas de ensino utilizadas pelo professor e as ações de aprendizagem a serem atingidas pelos alunos. Como pesquisa de campo, foi aplicado um questionário a 13 professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental da EMEF Engº Francisco Barros, distrito de Campo Verde, Itaituba-PA.

Neste contexto, este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo abordou algumas considerações sobre avaliação, tais como: aspectos conceituais, as tendências pedagógicas e a avaliação e por fim os tipos de avaliação. No segundo capítulo a discussão é sobre os desafios na prática da avaliação da aprendizagem, dentro de uma visão em que educar é formar e aprender é construir o próprio saber. O terceiro e último capítulo desta pesquisa traz os resultados e análises dos questionários realizados com os professores colaboradores dessa pesquisa.

Por fim, o intuito dessa pesquisa é buscar novas formas de realizar a avaliação no sentido mais verdadeiro, de forma que todos tenham não só o acesso à escola, mas que permaneçam nela com sucesso.

1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO

1.1 AVALIAÇÃO ESCOLAR: ASPECTOS CONCEITUAIS

A avaliação está presente em todos os aspectos da atividade humana. O julgar, o comparar, isto é, o avaliar faz parte do nosso dia a dia. A avaliação no contexto escolar reflete valores e normas sociais, a mesma não acontece em momentos separados do trabalho pedagógico; ela começa e permanece por todo o processo de aprendizagem e o conclui. (CHUEIRE, 2008, p. 51).

Entretanto, tem sido difícil para os professores essa transição de hábitos em relação aos exames escolares para hábitos de avaliação. Isso porque os primeiros estão profundamente enraizados em nossa história, em nossa sociedade e na individualidade de cada um, afinal cinco séculos é um tempo muito longo para ser mudado do dia para a noite.

Segundo Luckesi (2011, p. 68), na avaliação da aprendizagem os professores sentem-se aprisionados, “[...] nós educadores temos estado aprisionados a padrões de compreensão e de condutas que vem de séculos passados; minimamente, do início da modernidade pra cá”. Isso se dá devido aos longos anos ter-se utilizado exames escolares para medir a capacidade dos alunos, ou seja, aprovando ou reprovando, mesmo depois de várias discussões tornar-se difícil se libertar dessa metodologia. Não estamos querendo que o nosso passado seja esquecido, mas sim superá-lo e aproveitar o que ele nos ofereceu para a construção da nossa história.

Para mudar isso é necessário retirar o peso desse modo de compreender e agir, que se apresenta estagnado persistente a qualquer mudança, pois não faz sentido censurar professores que, hoje ainda não conseguem transitar do ato de examinar para o ato de avaliar na escola. É de suma importância agir com eles para que possam produzir uma “desconstrução” interna desse modo de agir, reconstruindo um novo, agindo juntos para que possam superar o passado, incorporando-o numa nova visão e num novo modo de ser.

Cabe ressaltar que não é possível introduzir como num passe de mágica uma avaliação pedagógica que assegure, adequadamente, a sua função de regulação, por exemplo. É preciso primeiramente que os programas apontem exatamente, os objetivos educacionais a abordar e que os professores estejam de acordo com essa proposta. (CARDINET, 1993, p. 26).

A educação não mudou apenas os métodos de ensino, que se tornaram ativos, mas incluir também a concepção de avaliação. Antes, ela tinha um caráter seletivo, uma vez que era vista apenas como uma forma de classificar e promover o aluno de uma série ou de um grau para outro. Atualmente, a avaliação assume novas funções, pois é um meio de diagnosticar e de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo ensino-aprendizagem estão sendo atingidos. (HAYDT, 1998 *apud* BARBOSA, 2008, p.14).

Assim sendo, a avaliação é muito mais do que determinar conceitos para os alunos, ela assume o papel de orientadora, cooperativa e interativa, onde os resultados no decorrer do trabalho tanto dos professores quanto dos alunos são comparados com objetivos sugeridos para verificar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho dos professores.

Nesse contexto, “educadores que desejam efetivamente atuar pedagogicamente, servindo-se dos recursos da avaliação da aprendizagem necessitam de assumir consciência clara de que estão rompendo com o modelo social excludente” (LUCKESI, 2011, p. 71). Desse modo, para afastar-se do ato de examinar para o ato de avaliar na escola é preciso ultrapassar os conceitos de agir que já não mais nos ajudam em nossa caminhada de vida e pela atividade profissional, uma vez que é impossível obter resultados novos com hábitos antigos.

Resultados novos só serão possíveis com hábitos novos, só assim será possível produzir um diagnóstico e uma consequente ação eficaz sobre seus alunos. A avaliação ajuda o aluno a progredir na aprendizagem, pois ela auxilia o professor a aperfeiçoar sua prática pedagógica e a escola a reconstruir seu projeto político pedagógico, pois avaliar não é reprovar, mas sim, compreender e promover a cada momento, o desenvolvimento pleno de quem vivencia um processo de aprendizagem.

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Por meio dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e, também reorientar o trabalho docente. Assim, a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. (BARBOSA, 2008, p. 01).

Mesmo sabendo da dificuldade, existem professores que conseguem planejar e pôr em prática suas atividades de modo a favorecer a todos que estão incluídos no processo de aprendizagem, pois todos nós queremos uma escola de qualidade, prazerosa e competente que possibilite uma transformação na sociedade.

Existem várias opiniões sobre as avaliações que se processam em sala de aula, tanto entre professores como entre os alunos. Desse modo, a avaliação é essencial e indissociável da aprendizagem enquanto vista como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação. A avaliação é reflexão transformada em ação que estimula a novas reflexões. Cabe ao professor uma reflexão constante sobre a realidade, e o acompanhamento passo a passo dos alunos na construção do conhecimento.

Nesse contexto, Hoffmann (1998, p. 17) defende a avaliação como mediadora do processo de ensino e de aprendizagem. "Um professor que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo, investigativo, do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais". Assim, a avaliação acontece quando o aluno se desenvolve, ou seja, quando o diálogo é estabelecido entre quem educa e quem é educado. Não se pode confundir mediação com informação. A avaliação mediadora vai além do simples ato de informar o desempenho do aluno, é conversar com ele sobre seu processo de aprendizagem, discutindo suas dificuldades e superações.

A avaliação deverá conduzir a um processo dialógico e cooperativo, através da qual, professores e alunos aprendem sobre si mesmo no ato próprio da avaliação. O segundo conceito apresentado foi elaborado pelo professor Cipriano Carlos Luckesi (2011, p. 58), que entende a avaliação da aprendizagem como uma verificação do professor, no sentido de buscar melhores resultados do processo de aprendizagem dos seus alunos, em sala de aula.

A prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado. Parece um contrassenso essa afirmação, na medida em que podemos pensar que quem está trabalhando no ensino está interessado em que os educandos aprendam. Todavia, não é o que ocorre. (IBIDEM, p. 59).

Segundo o autor, a avaliação é um juízo de qualidade sobre as informações disponíveis para uma tomada de decisão. Os dados estatísticos educacionais demonstram que o sistema social não está preocupado que o aluno aprenda, haja vista que pais, professores e alunos interessam-se apenas pela aprovação e reprovação, pouco se preocupando e atentos para a aprendizagem dos alunos.

Historicamente, o que foi mudado foi apenas o nome, porém a prática continua a mesma.

Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos de conhecimentos necessários. (LUCKESI, 2011, p. 115).

A partir dessa compreensão, a avaliação não é apenas um instrumento para aprovar ou reprovar os alunos, mas sim uma ferramenta para verificar sua situação. Ela é feita através de um ato minucioso e diagnóstico e reorientação da aprendizagem tendo em vista a obtenção de melhores resultados.

A avaliação e aprendizagem cumpre a mesma função com vistas ao bom desenvolvimento dos recursos humanos e se dá não somente na área educacional, como também em outras áreas do meio social como no meio primário, secundário, terciário e serviços da economia. Sempre repetimos que todo avaliador deve ter absoluta clareza com relação ao conceito de avaliação, pois, dessa forma, a avaliação cumpre com maior possibilidade de acerto do seu objetivo de promover a aprendizagem em prol de bom desenvolvimento do ser humano.

Para Both (2011, p. 124), avaliar é perceber como está o desenvolvimento da "aprendizagem dos alunos, e não somente descobrir o quanto e em que nível os alunos dominam conteúdo ou o quanto e em que nível eles os têm em falta". Diante dessa realidade, avaliar não é somente observar se os alunos aprendem, o melhor ambiente de aprendizagem é aquele rico em oportunidades de convivência, de diálogo, de recursos de todas as formas. No entanto, cada aluno tem seu ritmo de aprendizagem, ou seja, aprende de um jeito e no seu tempo, logo, cabe ao professor olhar para cada um respeitando suas especificidades durante o processo avaliativo.

Ainda de acordo com o autor, a avaliação vem vinculada ao processo onde se direciona a qualidade do desenvolvimento sobre a quantidade de atividades propostas, tanto para o aluno quanto para o professor, ficando assim em um processo comparativo.

A avaliação escolar é uma constante na prática do professor é um importante instrumento pedagógico que ajuda a tomar decisões e planeja estratégias. Para tanto, é necessário interesse do professor em produzir instrumentos eficientes que busquem ao máximo as competências múltiplas dos alunos,

pois desses instrumentos depende a classificação dos alunos e seu futuro. (MELO; BASTOS, 2012, p. 200).

Portanto, a avaliação só deixará de ser temida quando o aluno souber como está sendo avaliado e que essa avaliação se transforma em oportunidade para que o mesmo demonstre ter adquirido o conhecimento necessário. Ela deve acontecer durante todo o processo de ensino-aprendizagem trazendo sempre que possível, situações que promovam o pensamento de forma criativa e crítica, dando preferência a questões que levam ao raciocínio e não somente à memorização.

1.2 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A AVALIAÇÃO

Ao analisar as tendências pedagógicas da educação brasileira é possível identificar dois grupos, o primeiro o da pedagogia liberal e o segundo da pedagogia progressista. A pedagogia liberal, porém, não tem o sentido democrático, pelo contrário, a luta da educação é pela manutenção da sociedade, já a pedagogia progressista defende a transformação da sociedade.

A Pedagogia Liberal se divide em três grupos: **a Pedagogia Tradicional, Pedagogia Renovada e Pedagogia Tecnicista.** A pedagogia tradicional começou com os primeiros educadores do Brasil, os jesuítas. Nesse contexto, a escola surge ao visualizar a necessidade de nortear a vida das pessoas através da educação, pois se sentem incapazes para achar a solução que atingem a sociedade. Somente através da educação é possível combater os frutos da criminalidade. "Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre da escola será o artífice dessa grande obra". (SAVIANI, 1994, p. 17). O professor é uma peça fundamental, pois o mesmo pode usar sua influência para transmitir as lições que suprem as suas necessidades na construção de seu acervo cultural.

Nessa tendência, o principal personagem dessa pedagogia é o professor, ele é o centro sendo autoritário e suas aulas são expositivas, e o foco está no conhecimento intelectual e moral. O método utilizado é o da repetição não fazendo nenhuma relação com o cotidiano dos alunos. Na tendência Liberal tradicional, o aluno tem a obrigação de reproduzir sendo testado sempre através de exames para verificar sua capacidade. Ao refletir sobre essa pedagogia tradicional é possível perceber que ela continua persistindo atualmente em nossas escolas.

Aulas de memorização de conteúdos (retirados dos livros), em que os alunos eram considerados como papel em branco, nos quais era impresso o conhecimento, cabendo a eles concordar com tudo sem questionar. Eram formados para ser sujeitos acríticos e passivos. Nessa concepção de ensino o processo de avaliação carregava em bojo o caráter de punição, muitas vezes, de redução de notas em função de comportamento do aluno em sala de aula. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 03).

Assim sendo, a escola tradicional é um espaço de disciplinamento dos alunos, o professor é uma autoridade, no sentido de autoritarismo, pois utiliza um ensino mecânico, ou seja, de memorização. O professor é quem decide a metodologia que será utilizada, os conteúdos a serem trabalhados e como os alunos serão avaliados. A ideia de que o ensino consiste em repassar o conhecimento para a criança e que a capacidade de assimilação deve ser idêntica à do adulto sem levar em conta as características de cada idade. Os alunos são tratados igualmente e todos deverão ter o mesmo ritmo.

A partir do século passado as críticas à escola tradicional começaram a aparecer e aos poucos dando origem a outra teoria de educação. Essa teoria continuava a acreditar no poder da escola na sua função de equalização social, já que a escola não vinha cumprindo seu papel, isso porque o tipo de escola tradicional era considerado inadequado. A Escola Nova surge a partir dos anos 50, diferenciando-se pelo fato de que o aluno é o fator pessoal decisivo e em função do mesmo giram as atividades escolares tendo em vista o desenvolvimento de suas habilidades.

A pedagogia renovada se dá por meio de duas versões: **renovada progressista ou programática e renovada não diretiva** também conhecida como “escolanovismo” (SAVIANI, 1994, p. 56).

O professor se torna o facilitador da aprendizagem. O educando é considerado ativo, participativo, construtor do seu conhecimento. A ênfase curricular não está nos conteúdos, mas, sim, nos processos de aprendizagem, na descoberta e no respeito aos diferentes ritmos. (LIMA; ZANLORENZI; PINHEIRO, 2011, p. 91).

Na perspectiva de aprender fazendo, são utilizados os métodos a partir de pesquisa, projetos. As experiências do professor passam a ser um auxiliar criando condições para que o aluno se desenvolva e tenha uma autoaprendizagem, daí o contrário da pedagogia tradicional em que o professor era o centro, agora quem passa a ser o centro é o aluno. Na tendência progressista, o trabalho em grupo é muito valorizado, porque o aluno aprende a ser solidário e participativo e também a respeitar

o outro, o mesmo passa a ser ativo, dessa forma, o aprender se torna uma atividade de descoberta, de autoaprendizagem.

Os professores que adotam essa concepção acreditam em uma sociedade mais justa e igual para todos, na qual caberia à educação adaptar os estudantes ao seu ambiente social. A pedagogia renovada progressivista nos dá uma ideia de escola que foi mudada e o foco dessa pedagogia é aprender a aprender, os alunos são levados a aprender fazendo ou aprender a aprender.

A Didática da Escola Nova ou Didática ativa é entendida como “direção da aprendizagem”, considerando o aluno como sujeito da aprendizagem. O que o professor tem a fazer é colocar o aluno em condições propícias para que, partindo das suas necessidades e estimulando os seus interesses, possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências (LIBANELO, 1994, p. 65).

Esse pensamento corrobora em dizer que na didática ativa, a ênfase não está em conhecimentos sistematizados como a memorização, mais sim no processo da aprendizagem e nos meios que possibilitam o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos. O professor incentiva e orienta as situações de aprendizagem, adequando as capacidades de características individuais de cada aluno.

Os métodos usuais são dispensados, prevalecendo quase que exclusivamente o esforço do professor em desenvolver um estilo próprio para facilitar a aprendizagem dos alunos. Rogers explicita algumas das características do professor “facilitador”: aceitação da pessoa do aluno, capacidade de ser confiável, receptivo e ter plena convicção na capacidade de autodesenvolvimento do estudante. Sua função restringe-se a ajudar o aluno a se organizar, utilizando técnicas de sensibilização onde os sentimentos de cada um possam ser expostos, sem ameaças. Assim, o objetivo do trabalho escolar se esgota nos processos de melhor relacionamento interpessoal, como condição para o crescimento pessoal. (LIBANELO, 2002, p. 13).

Na Pedagogia renovada não diretiva, a ênfase é na formação de atitudes através das relações interpessoais, em que ocorre um clima agradável entre professor e aluno. O professor é facilitador, confiável, receptivo criando um clima de aprendizagem, enquanto os alunos buscam a aprendizagem significativa que possa ser aplicada na prática. Na pedagogia renovada não diretiva o aluno ainda é o centro do processo educacional o mais importante não são os livros e o currículo, mas sim a sua realização pessoal.

Dentro da Tendência da Pedagogia Liberal tem-se ainda a **pedagogia tecnicista** que se desenvolveu no Brasil na década de 1950, ganhando autonomia

nos anos 60, inspirada na teoria behaviorista da aprendizagem. Nessa prática pedagógica o homem é considerado um produto do meio social onde vive sua consciência sendo formado através das ações estabelecidas e controladas por meio da educação. "O professor é um administrador e executor do planejamento, o meio de previsão das ações a serem executadas e dos meios necessários para se atingir os objetivos" (LIBANEO, 1994, p. 66). Grande parte dos livros didáticos utilizados nas escolas é organizado baseado pedagogia tecnicista.

A partir dessa compreensão, na pedagogia tecnicista se ensina a fazer, por isso o professor faz uso de uma ferramenta muito importante que é o planejamento. Estabelece seus objetivos e também todas as técnicas e metodologias que serão usados como forma de avaliar os alunos para que se desenvolvam suas habilidades. A prática escolar nessa pedagogia tem como função especial adequar o sistema de educação com a proposta econômica e política do regime militar, preparando, dessa forma, mão-de-obra para ser usada pelo mercado de trabalho.

A pedagogia tecnicista surge com a função de preparar recursos humanos para a mão de obra das indústrias por isso tem como missão a eficiência e a produtividade. Aqui o centro não é o aluno muito menos o professor e sim, as técnicas. Por isso, o professor é um administrador dessas técnicas que podem ser a instrução programada ou um ensino a tecnologia, portanto os alunos são preparados para serem produtivos.

No final dos anos 1970 e início dos 1980, com o final do regime militar tem-se então, a **Pedagogia Libertadora**, originária dos movimentos de educação popular que era contra o autoritarismo e a dominação social e política. Ocorre nesse período uma intensa mobilização dos professores em busca de uma educação crítica, tendo em vista a superação das desigualdades que existiam na sociedade. Dentre os seus defensores está o educador Paulo Freire que lutou por uma escola conscientizada que trabalha pela transformação da sociedade capitalista.

A atividade escolar é centrada na discussão de temas sociais e políticos; poder-se-ia falar de um ensino centrado na realidade social, em que professor e alunos analisam problemas e realidades do meio sócio econômico e cultural, da comunidade local, com seus recursos e necessidades, tendo em vista a ação coletiva frente a esses problemas e realidades. (LIBANEO, 1994, p. 69).

A **Pedagogia Libertadora**, por sua vez está fortemente ligada ao seu idealizador Paulo Freire, tem como missão a conscientização e a transformação

social, ela propõe formação de homens capazes de refletir sobre sua realidade, reconhecer-se como indivíduo e visar mudanças na sociedade, por isso trabalha com temas geradores através de grupos, grupos de discussão e também realização de diálogos. Desse modo, o professor é considerado um animador, buscando formar alunos críticos, os textos de leitura são produzidos pelos próprios alunos porque a transmissão de conteúdos é considerada uma invasão cultural.

A **Tendência Pedagógica Libertária** vai se consolidando a partir dos anos 80, suas ideias nascem como fruto da abertura democrática. Essa tendência defende, apoia e estimula a participação em grupos e em movimentos sociais. A escola necessita buscar a transformação do aluno no sentido libertário, fazendo o mesmo refletir sobre sua realidade.

Método de ensino da Pedagogia Libertária: é na vivência grupal, na forma de autogestão, que os alunos buscarão encontrar as bases mais satisfatórias de sua própria 'instituição', graças à sua própria iniciativa e sem qualquer forma de poder. Trata-se de 'colocar nas mãos dos alunos tudo o que for possível: o conjunto da vida, as atividades e a organização do trabalho no interior da escola (menos a elaboração dos programas e decisão dos exames que não dependem nem dos docentes, nem dos alunos)'. Os alunos têm liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico na dependência de suas necessidades ou das do grupo. (LIBÂNEO, 1994, p. 67).

Na Pedagogia Libertária se propõe a participação crítica dos alunos, o professor é um orientador para ajudar a desenvolver esse aluno participativo também é trabalhado em grupos, pois o conhecimento se dá através da vivência grupal. Tanto a Pedagogia Libertadora como a Libertária defendem, portanto, uma autogestão pedagógica.

Ainda se apresenta na prática pedagógica da avaliação da aprendizagem, a **Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos** (estudada por José Carlos Libâneo), e que surgiu no início da década de 1980 buscando superar os traços expressivos da Pedagogia Tradicional e da Escola Nova. Sua principal tarefa está na transmissão dos conteúdos, que são concretos e não abstratos. Desse modo, cabe ao professor escolher os conteúdos mais importantes aos alunos, os quais contribuam para sua formação profissional.

Não considera suficiente colocar como conteúdo escolar a problemática social cotidiana, pois somente com o domínio dos conhecimentos, habilidades e capacidades mentais podem os alunos organizar, interpretar e reelaborar as suas experiências de vida em função dos interesses de classe. (LIBÂNEO, 1994, p. 70).

A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos valoriza o conhecimento como forma de crítica e possibilidade de superação do modelo de sociedade, portanto, ela destaca o conteúdo vivo indissociável da realidade. Sua forma de trabalho é a análise crítica, teoria e prática como também a experiência e o saber. O professor é um intermediário nessa tendência porque ele vai oportunizar o domínio dos conhecimentos e habilidades que tornará o aluno capaz de criticar o modelo social e também de transformá-lo, por isso, o aluno é transformado através dos métodos relacionados e os conhecimentos sistematizados à realidade dos alunos.

A tendência pedagógica histórico-crítica desenvolvida por Dermeval Saviani surgiu na década de 1980 no contexto à abertura democrática do Brasil pela ditadura militar. Essa tendência apresenta compreender os limites colocados pela educação vigente, visando superar as teorias existentes até aquele momento, com o compromisso de lutar pela transformação da sociedade e não a sua manutenção.

Em outros termos, o que eu quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica é o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana. (SAVIANI, 2011, p. 93).

A metodologia na pedagogia histórico-crítica é muito importante, para a construção do conhecimento, para isso faz-se necessário uma boa relação entre professores e alunos. Entende-se que o papel do professor é de suma importância, mas é o aluno que vai confrontar o que sabe em relação ao meio social construído pela sua vivência com os conteúdos.

Na pedagogia histórico-crítica a avaliação assume o sentido de algo que foi construído e não como o fim da aprendizagem. Visa à construção do conhecimento e uma possível mudança de atitude dos alunos em consequência do que aprendeu, respeitando as dificuldades e possibilidades de cada aluno, considerado como único.

Com efeito, ao afirmar que o saber é produzido socialmente, isso significa que ele está sendo produzido socialmente e, portanto, não cabe falar em saber acabado. A produção social do saber é histórica, portanto não é obra de cada geração independente das demais. O problema da pedagogia é justamente permitir que as novas gerações se apropriem, sem necessidade de refazer o processo, do patrimônio da humanidade, isto é, daqueles elementos que a humanidade já produziu e elaborou. Não podemos fazer com que cada criança volte à Idade da Pedra Lascada para poder depois

atingir, na idade adulta, o domínio do saber científico, tal como é formulado em nossa época. (SAVIANI, 2011, p. 85).

As escolas que estão dispostas a assumir o modelo construtivista devem compreender que na relação professor-aluno, o professor tem a função de desafiador, desafiando cada aluno, evitando rotinas, respostas iguais para as mesmas perguntas, devem estimular os alunos a serem agente pesquisadores.

Cabe ao professor que trabalha com a proposta construtivista a tarefa de propor reflexões, discursões, trabalhos em grupo, em que os participantes têm a oportunidade de se conhecerem e se respeitarem, conhecendo as habilidades dos colegas, ouvir opiniões diferentes da sua e aceita-las e a defender suas próprias opiniões.

1.3 TIPOS DE AVALIAÇÃO

O conceito de avaliação faz lembrar diferentes procedimentos, concepções, contextos em que a avaliação pode estar inserida. Mas, para compreender o que fundamenta suas finalidades e metodologias, cabe questionar o seu lugar no processo de ensino e aprendizagem. Ademais, é importante observar que, com o passar das décadas, a avaliação tenha mostrado um grande progresso, adquirindo novas funções, em muitas instituições ainda hoje, apresentam o mesmo valor de antes; o de medir, testar e classificar. Pode-se dizer que nos últimos anos, as discussões só aumentaram a favor de uma grande mudança na prática avaliativa, dando prioridade para a formação da cidadania.

Apesar de existirem várias nomenclaturas para identificar as práticas avaliativas no espaço escolar, podemos dizer que a literatura aponta três grandes tendências avaliativas: **Classificatória, Diagnóstica e Formativa**. A **avaliação classificatória** é “herança do ensino tradicional em que a metodologia de ensino é centrada na reprodução de uma técnica/conteúdo e na aquisição de habilidades, de modo que há ênfase no “fazer” ditado pelo professor”, sendo pouco trabalhado o conhecimento construído pelos estudantes (MENEGHEL; KREISCH, 2009, p. 9822).

Percebe-se então, que essa metodologia procura fazer apenas uma réplica do professor, impedindo os alunos de criar e refletir, ou seja, de serem questionadores e participativos. A avaliação apenas no final do bimestre leva a fragmentação da

aprendizagem, dessa forma não é possível haver uma reconstrução do saber, esse método não leva em consideração o desenvolvimento integral dos alunos.

A avaliação classificatória reforça o lado cruel da escola, pois, é uma ferramenta para aprovação ou reprovação. A nota ou conceito atribuído ao aluno tem sido valorizado, numa relação direta, à aprovação ou reprovação, tornando-se fim, em si mesma, ficando, assim, distanciada da relação com o processo ensino-aprendizagem. (BARBOSA, 2008, p. 05).

É importante salientar que a avaliação na maioria das escolas hoje por ser classificatória divide a turma em aprovados ou reprovados, valorizando o resultado alcançado pelo aluno, ou seja, a nota ou conceito e desvalorizando o processo de ensino e aprendizagem, o que ocasiona a repetência e conseqüentemente, a evasão escolar.

Esse método avaliativo restringe a avaliação da aprendizagem apenas ao ato de atribuir notas ou conceitos aos alunos, retirando da escola a possibilidade de utilização da avaliação como instrumento de reflexão, tanto da ação do professor como também do planejamento da instituição. "Como é realizada no final do processo de aprendizagem, tendo o poder de impedir a trajetória escolar do estudante, também se diz que a avaliação classificatória possui caráter frenador e que traz danos a este". (MENEGBEL; KREISCH, 2009, p. 9822). Nessa abordagem, o professor apenas domestica os alunos, sem colaborar para o seu desenvolvimento intelectual.

Desse modo, o encanto por aprender desaparece do rosto dos alunos, pois a aprendizagem é reduzida a provas e notas, tais procedimentos são práticas tradicionais repetidas pelos professores sem a possibilidade de reflexão causando sérios prejuízos ao desenvolvimento dos alunos.

À medida que os professores tirarem o foco da transferência de conteúdos e investirem em estratégias que promovam a obtenção de conhecimento, os alunos poderão desenvolver mecanismos de busca e reflexão sobre informação e se mostrarão capazes de atribuir a estes significados diversos.

A avaliação diagnóstica é contínua e se dá no dia-a-dia da sala de aula, permitindo que o professor faça intervenções privilegiando a aprendizagem dos alunos. Desse modo, é capaz de perceber que o aluno pode fazer sozinho, de forma independente, e com ajuda de outros colegas ou do professor. (BARBOSA, 2008, p. 06).

A partir dessa compreensão, a avaliação continuada da aprendizagem nos possibilita identificar as conquistas e as dificuldades dos alunos, ajudando a escola a desempenhar sua função básica, que é ensinar a aprender promovendo o acesso ao conhecimento, transformando-se num recurso de diagnóstico para o professor. Dessa maneira, a avaliação necessita adequar-se à natureza da aprendizagem, não pode levar em consideração o resultado das tarefas, mas sim o caminho percorrido.

A avaliação diagnóstica é um subsídio que auxilia o aluno a crescer e a se desenvolver tanto cognitivo quanto emocional, ajudando na formação de um cidadão reflexivo, independente, crítico, capaz de viver e conviver, participando e interagindo num mundo em constante mudança.

A avaliação diagnóstica visa verificar a existência, ou ausência, de habilidades e conhecimentos pré-estabelecidos, esta é uma ação que inicia o processo avaliativo e verifica se os alunos dominam os pré-requisitos necessários para novas aprendizagens. (FREITAS; COSTA; MIRANDA, 2014, p. 87).

Essa reflexão se faz necessária para que os professores tomem consciência de como o seu papel é indispensável para a ampliação e a uso da avaliação, como processo que ajuda os alunos a construir o conhecimento, permitindo o agir do professor em relação aos resultados, replanejando seu trabalho. Desse modo, o exame dessas concepções avaliativas que são usadas pelos professores em sua prática avaliativa, contribui para estimular uma prática avaliativa voltada para a aprendizagem e não na classificação dos alunos.

O diagnóstico se constitui de uma sondagem da situação de vivência de desenvolvimento de cada pessoa envolvida no processo. É um estudo dos conhecimentos das experiências, ou seja, o conjunto de bagagens que os alunos possuem, visando às tomadas de atitudes satisfatórias e eficazes, de modo que haja o progresso nos processos de ensino e de aprendizagem. (TEIXEIRA; NUNES, 2008, p. 107).

É importante ressaltar que, neste tipo de avaliação, os alunos devem ser estimulados diariamente a transferir o conhecimento alcançado para novas situações. Cabe ao professor observar se os objetivos foram alcançados pelos alunos, para que assim seja possível verificar o crescimento da aprendizagem, os resultados insatisfatórios poderiam ser solucionados pelo diálogo sobre o que ainda falta aprender. "Para se aplicar uma avaliação deste tipo, é necessário que o professor assuma uma postura reflexiva, compreendendo o contexto em uma relação dinâmica

que mantenha vínculo entre aprendizagem e realidade". (IBIDEM, p. 107). Assim, a avaliação diagnóstica possui duas metas ou exigências: identificar os conhecimentos dos alunos e organiza-los para o crescimento da aprendizagem.

Quando professor realiza a avaliação diagnóstica é necessário acompanhar passo a passo o desenvolvimento dos alunos a partir dessa diagnose da aprendizagem, partindo de uma concepção de que nenhum aluno é igual ao outro, cada ser é único na sua singularidade e relevância.

Por outro lado, tem-se a **avaliação formativa** que é realizada durante todo período letivo e sua função é controlar o processo de avaliação, objetivando a verificação dos alunos na sua aprendizagem sem contar as habilidades adquiridas durante o desenvolvimento das atividades, trata-se então de um feedback para o aluno e para o professor, pois permite identificar as deficiências das formas de ensinar e possibilita aperfeiçoar as práticas pedagógicas.

Uma avaliação formativa ajuda o aluno a compreender a se desenvolver. Colabora para a regulação de suas aprendizagens, para o desenvolvimento de suas competências e o aprimoramento de suas habilidades em favor de um projeto. Um professor comprometido com a aprendizagem de seus alunos utiliza os erros inevitáveis, sobretudo no começo, como uma oportunidade de observação e intervenção. Com base neles, propõe situações-problema cujo enfrentamento requer uma nova e melhor aprendizagem, possível e querida para quem a realiza. (MACEDO, 2007 *apud* MENEGHEL; KREISCH, 2009, p. 9825).

A avaliação formativa é toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, pois é um processo diário, a ideia é sempre formar o aluno e não classificar, pois seu objetivo é a aprendizagem do aluno, ajudando-o na compreensão e formação de suas habilidades. O professor pode utilizar os erros dos alunos como forma de observação, utilizando os tais erros como base para uma nova oportunidade de aprendizagem, assim o processo fica mais leve e eficaz.

É a avaliação que intervém, em princípio, no final de cada trabalho de aprendizagem e que tem por objeto informar alunos e professores do grau de mestria alcançado e, eventualmente, descobrir em que é que o aluno sente dificuldades de aprendizagem, com vista a propor-lhe ou a fazer com que descubra estratégias que lhe permitam progredir. (CARDINET, 1993, p. 223).

Partindo desse pressuposto, a avaliação formativa está dividida em duas partes, a de informação e de aplicação. A primeira informa o grau do desenvolvimento alcançado observando determinadas dificuldades a fim de possibilitar a progressão,

porém, não faz sentido apenas verificar sem corrigir, pois, esse tipo de avaliação vai além de um simples diagnóstico, é muitas vezes a análise dos erros que mais podem contribuir para a evolução formativa, pois identificam as principais deficiências de aprendizagens iniciais necessárias para o aprendizado de outros conhecimentos.

Dessa forma, o professor precisa saber que tipo de avaliação está utilizando, pois, a mesma tem impacto direto ou indireto no ensino-aprendizagem. Tornando-se indispensável um aperfeiçoamento constante em busca de novas técnicas e metodologias mais dinâmicas através do melhor planejamento e implementação cuidadosa. Contudo, pode-se observar que, como a educação, a avaliação também tem uma função política, pois deve estar aliada num processo docente crítico e construtivo a serviço da aprendizagem dos alunos, no que diz respeito às suas capacidades cognitivas e sociais.

2 DESAFIOS NA PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

2.1 O QUE AVALIAR?

No Brasil, as formas de avaliar os alunos em sala de aula infelizmente ainda se concentram no modelo tradicional, somativa e classificatório, criando um ambiente competitivo, e alunos desmotivados que estudam em busca de boas notas, quando o ensino poderia ser muito mais que isso. Martins (2012, p. 35) afirma que no processo de ensino na pedagogia tradicional o homem é constituído por uma essência imutável, considerado "tábua rasa", receptor passivo de informações. A ênfase no processo de ensino está na transmissão pela ação do professor, do conteúdo produzido e acumulado historicamente pela humanidade.

A educação busca atualmente compreender os alunos como sujeito ativo e transformador. Para isso é necessário repensar o modelo avaliativo, criando uma dinâmica de troca de experiência e conhecimento em sala de aula. Nesse sentido, a LDB nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação da Educação Nacional deu um grande passo na concepção de avaliação, definindo que a avaliação qualitativa é mais importante que a quantitativa.

É preciso compreender que, muito mais do que reger o dia a dia na escola, essa concepção, se bem praticada, contribui para uma construção de uma sociedade em que a cooperação impera sobre a competição. O ambiente escolar deve ser terreno fértil para a formação da autonomia dos alunos. (MELO; URBANETZ, 2008, p. 20).

De acordo com a LDB, a avaliação da aprendizagem deve ser contínua e cumulativa, e não só com provas e testes como alicerce de avaliação. Dessa forma, garante desenvolver atividades fora da sala de aula, dando oportunidade para que os alunos façam uma relação entre o que foi aprendido com a realidade. Isso reforça aos alunos a ideia de que os conteúdos não são estudados de maneira isolada, que ao realizarem as provas serão esquecidos, pois a escola deve trabalhar com conteúdos ligados a vida dos estudantes.

A educação é um processo social mais amplo e tem como objetivo a formação de hábitos, atitudes, valores, habilidades, práticas e mesmo o que é mais profundo na educação, como as finalidades, os objetivos, o projeto político, pedagógico e social, os métodos de ensino e a organização do trabalho pedagógico. Ainda podemos considerar, dentro do âmbito das disciplinas, a

escolha dos conteúdos curriculares, um universo retirado da totalidade da cultura e disponibilizado para a socialização através da educação. (MELO; URBANETZ, 2008, p. 24).

À medida que a ciência e a tecnologia prosseguem avançando, o saber acumulado cresce, e a tarefa de escolher conteúdos torna-se mais difícil. Isso acontece porque a cada momento novas teorias são descobertas e novas tecnologias são lançadas no mercado de trabalho. Grande parte dos conhecimentos adquiridos na escola se torna atrasado.

Dessa forma, a escola reconhece que, à medida que se constrói o conhecimento e habilidades técnicas se faz necessário desenvolver no aluno habilidades de pensamento para que suas habilidades intelectuais possam ser aprimoradas. Este aluno precisa aprender a pensar, analisar, refletir, a desenvolver a capacidade de “aprender a aprender”, isto é, a capacidade de autoaprendizagem. Portanto é necessário que, o aluno tenha condições de fazer julgamento crítico, argumentar, defender duas ideias, e de criar novas ideias e situações.

Os conteúdos e objetivos muitas vezes são determinados pela instituição escolar, e na maioria das vezes não atendem as necessidades dos alunos. Os professores são obrigados a cumpri-los, pois são cobrados pela coordenação da escola. Tentando atingir a necessidade dos alunos o professor utiliza seus métodos, sem fugir dos objetivos programados pela coordenação.

O primeiro passo é o da prática social. Nesse nível levamos em consideração o que o aluno traz consigo ao chegar à escola, o seu conhecimento adquirido pela vida, no cotidiano. Cabe ao professor dar a devida importância para esse conhecimento dos alunos, leva-lo em consideração nas suas aulas, o que resulta em uma prática que possibilita uma melhor relação do docente com o aluno e o conhecimento. (IBIDEM, p. 57).

Diante disso, o que o professor deve fazer é aceitar que cada aluno chega à escola, com uma bagagem determinada e diferente em relação às experiências vividas, conforme o seu ambiente sociocultural e familiar condicionado, e as suas características pessoais. As primeiras perguntas que o mesmo deve fazer são: o que os alunos sabem em relação ao que eu quero ensinar? O que são capazes de aprender? Quais são seus interesses? Quais seus estímulos de aprendizagem?

O conhecimento que cada aluno tem, do que sabe fazer e como fazê-lo deve ser o ponto de partida, o que permitirá estabelecer o tipo de tarefas e atividades a qual favorecem a aprendizagem de cada um. A aprendizagem é um processo complexo,

convém dizer que ela não é apenas um processo de aquisição de conhecimentos, conteúdos e informações. As averiguações são importantes, porém precisam passar por um processamento, a fim de tornarem significativas para a vida dos alunos, tornando-se algo concreto e não apenas passageiro e sem importância.

Nesse entendimento, percebe-se que, a identificação dos temas ou questões que se mostram mais importantes para os alunos irão contribuir de maneira mais significativa na definição de material extraído da realidade o qual será estudado no decorrer do processo de ensino aprendizagem.

O resultado deste primeiro momento do planejamento será um diagnóstico da realidade concreta dos alunos, elaborado de forma comprometida com seus interesses e necessidades. Portanto, na definição dos objetivos é essencial que os diferentes níveis de aprendizagem a serem atingidos sejam contemplados: aquisição, a reelaboração dos conhecimentos aprendidos e a produção de novos conhecimentos. É importante ressaltar ainda que, em um processo educativo que se propõe transformador, os objetivos de ensino deverão estar voltados predominantemente para a reelaboração e a produção do conhecimento. Para tanto, deverão expressar ações, tais como a reflexão, a curiosidade, a investigação e a criatividade. (GARCIA, 1984, p. 55).

Trazer elementos do cotidiano para avaliar os alunos em sala de aula é de suma importância, pois conecta a teoria com a prática, estabelecendo uma noção que aquela avaliação faz sentido no "mundo real". Mas, é preciso estar atento para a melhor forma de avaliar cada conteúdo, assim como para os diferentes tipos de competências. Percebemos, então, que é possível mudar, é preciso ter em mente que a prática avaliativa é uma construção do saber e está ao alcance de nossas mãos, somente se tornarmos a avaliação como um conjunto de ações ajudarão o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas por ele.

O cotidiano escolar exige que o professor tenha os objetivos educacionais bem claros e predefinidos, porém o que temos observado no cotidiano das escolas é que alguns professores não identificam com clareza a razão de sua insatisfação no trabalho, não percebendo que às vezes o motivo está diretamente vinculado a falta de planejamento, ou porque não considera isso importante ou porque o recebe pronto. (MELO; URBANETZ, 2008, p. 92).

Nessa linha de pensamento, os autores enfatizam que professor precisa ter uma série de metodologias de avaliação, não muito longos, criados e aplicados pelo próprio professor, com a finalidade de fornecer informações frequente e contínuas sobre o desenvolvimento de seus alunos, permitindo avaliar sua própria forma de ensino e redirecionar seus objetivos e formas de expor os conteúdos.

Na sala de aula, o trabalho em equipe desempenha uma função muito importante, criando oportunidade para o diálogo e a troca de ideias e experiências. Quando os alunos participam desses grupos possibilita a troca de informações o que lhes traz a necessidade de organizar seu pensamento para expressar suas ideias a fim de serem compreendidas pelos colegas. Na dinâmica do trabalho em equipe o aluno fala, ouve os companheiros, expõe suas ideias e opiniões, pergunta, argumenta e avalia. Nesse sentido, o trabalho em equipe contribui para o desenvolvimento mental dos alunos.

Segundo Luckesi (2011, p. 43), todo processo de ensino aprendizagem precisa ser avaliado, a avaliação deve fazer parte da rotina na sala de aula, pois esse deve ser o foco do professor. Desse modo, a avaliação realizada entre alunos e professores, atores que fazem parte desse processo, possa caminhar rumo ao ideal e verdadeiro sentido da avaliação que é uma construção do conhecimento durante o ano letivo.

Para acompanhar o desenvolvimento dos alunos o professor poderá registrar cotidianamente as considerações sobre todo o grupo, e sobre cada um dos alunos, a partir das atividades desenvolvidas durante todo trabalho pedagógico. Tomando como regra os critérios da aprendizagem, deve observar os níveis de aprendizagem, como: interesse e iniciativa do aluno para a leitura, o estudo, a pesquisa, a qualidade do conteúdo elaborado e da linguagem utilizada, a capacidade crítica, a criatividade, a capacidade de reconstruir. Nesse processo de avaliação, não se pode esquecer que o professor também deve ser avaliado, pois avaliando o que se aprendeu logicamente se avalia o que se ensinou.

Na elaboração do planejamento, os professores precisam levar em consideração a realidade dos alunos. A construção do conhecimento acontece em um contexto sócio histórico, dependendo da cultura, dos costumes, das suas histórias de vida, das políticas educacionais e sociais das diferentes formas de viver e de ver o mundo.

Nesse contexto, o bom ensino é aquele que faz com que a criança se supere, ou melhor, que sempre supere seu atual nível de desenvolvimento intelectual, alcançando maiores níveis. Por isso o papel do professor é de suma importância: por ser ele o mediador nesse processo de superação.

É preciso pensar sobre a sociedade da qual fazemos parte e como desejamos que ela seja organizada e estruturada. Devemos pensar no papel e na importância da escola para essa sociedade e como a escola deve ser planejada para que contribua expressivamente com a sociedade que queremos. É preciso pensarmos nos educandos, na vida, nos seus interesses, na sua realidade, nas características da comunidade que eles fazem parte. Devemos considerar também quem são os professores e funcionários que fazem parte desse processo de ensino-aprendizagem. (LIMA; ZANLORENZI; PINHEIRO, 2011, p. 98, 99).

Diante disso, entende-se que a escola ideal é aquela que se compromete com desenvolvimento de todos os seus alunos, uma escola de qualidade que possibilite aos alunos uma vida cidadã plena, dentro de uma sociedade democrática, justa, solidária, ética. A escola traz muito mais que a educação para as crianças e jovens traz a fonte de energia para que continuem a lutar na vida.

O ato de ensinar precisa deixar de ser tratado apenas como prática educativa, pois ensinar é um ato que tem dupla dimensão, de um lado contribui para o conteúdo técnico e do outro lado, o ato de ensinar requer sensibilidade de investigar experiências individuais de cada aluno. Considerar que cada grupo é formado por histórias pessoais, sociais, familiares, culturais e educacionais muito diferentes. As vivências individuais e sociais expressam valores, habilidades intelectuais e motoras, que o aluno aprende como ser social.

A perspectiva do professor reflexivo/investigativo abre a possibilidade para a transformação da escola num espaço de desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional aberto a projetos emancipatórios. Que esta via também nos permita vislumbrar na vivência da sala de aula e nos ambientes escolares "o máximo de sabor possível". (ANDRÉ; PASSOS, 2002, p. 42).

Segundo as autoras, a avaliação não pode se limitar sobre o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, o ato de avaliar deve levar a uma revisão dos conteúdos selecionados, do método utilizado, das atividades realizadas, das relações estabelecidas em sala de aula, isto é, uma revisão do ensino, pois não existe melhor critério para avaliar a eficácia do ensino do que a aprendizagem dos alunos.

É necessário que as Instituições de ensino repensem sobre as suas práticas avaliativas, pois as provas, os testes e questionários não são suficientes para verificar com clareza se o aluno aprendeu ou não. É preciso que o professor tenha sempre em mente que o conhecimento não é algo pronto e acabado, mas algo em constante movimento e transformação.

2.2 DESAFIOS DOCENTES NA AVALIAÇÃO ESCOLAR

A avaliação da aprendizagem ainda é vista como um grande problema para muitos profissionais da Educação. Existem muitos estudos e discussões sobre esse assunto que apresentam teorias sobre as dificuldades e as soluções na hora de avaliar, mas na realidade as coisas costumam acontecer de forma diferente. A maioria dos professores encontra muitas dificuldades na hora de avaliar e sem dúvidas, a maioria dos alunos demonstra insatisfação com os métodos avaliativos.

Em primeiro lugar, o professor deve ter conhecimento desse aluno, de onde ele vem, da sua realidade, dos valores que esse aluno traz, das necessidades do mesmo em função do meio em que vive, da linguagem que ele usa. Além do mais, o que valoriza no seu dia a dia e ter um grande conhecimento do conteúdo novo a ser trabalhado, uma vez que o professor tem essas duas questões bem resolvidas vai poder apresentar esse conteúdo respeitando a individualidade de cada indivíduo.

No planejamento do professor conhecer o contexto que esse aluno vive e convive é fundamental, para se falar uma linguagem em que o aluno entenda, poder dar exemplos que fazem sentido para esse aluno, e promover a conexão entre o que o aluno já traz e esse novo conteúdo que o professor está trazendo.

Muitos professores revelam a sua impossibilidade de desenvolver processos avaliativos mediadores, porque estão cercados por normas classificatórias exigidas pelas escolas. Mas também se percebe a sua dificuldade em alterar sua prática por falta de subsídios teóricos e metodológicos que lhe deem segurança para agir de outra forma (HOFFMANN, 1998, p. 70).

Assim sendo, uma das causas da dificuldade em avaliar a aprendizagem apresentada pelo professor, é o fato deste não ter, muitas vezes, conhecimento suficiente para agir. Esse conhecimento é que lhe dará a oportunidade de analisar o contexto em que está inserido, as questões sociais que influenciam e norteiam o processo educacional, e dessa forma poder ajudar seus alunos a crescerem e ampliarem seus conhecimentos. Desse modo, o professor estará apto a avaliar melhor a aprendizagem do aluno.

Um dos maiores problemas dos professores ao avaliarem seus alunos é considerarem a avaliação como um fim. Aplicam os testes, as provas, os trabalhos e outros métodos avaliativos, atribuindo uma nota ou conceito e dá por encerrada a avaliação independente dos resultados e perdem aí a oportunidade de refletir sobre a

aprendizagem dos alunos, não percebendo que os resultados das avaliações aplicadas aos alunos, diz respeito também ao seu desempenho como professor.

A tarefa de avaliar é sem dúvidas a mais complexa, pois exige que o professor seja um excelente observador, capaz de ver o aluno, além das aparências, percebendo seus avanços, pois sempre há avanços, ainda que pequenos, que muitas vezes passa despercebido pelos professores. Ademais, é muito fácil notar que grande parte dos professores apresentam dificuldades em avaliar seu aluno como um todo, considerando o contexto em que vive e suas individualidades, o que acaba levando-o ao fracasso escolar.

Persegue-se incansavelmente "o igual" na escola e todas as diferenças são obstáculos impeditivos de aprendizagem: os alunos agitados ou muito quietos, os alunos pobres, doentes, de idades diversas, com talentos inesperados, com deficiências físicas e mentais, que falam outra língua... De tal forma o olhar do professor vasculha por desvios ao padrão determinado "a priori" que poucos sobrevivem à fúria avassaladora da comparação, resultado na perversidade de uma escola seletiva e excludente, e perigosamente monótona pela sua incapacidade de valorizar as ricas experiências de vida e diferentes formas de pensar de muitas crianças e jovens diferentes. (HOFFMANN, 1998, p. 09).

A escola que deveria ajudar os alunos com suas dificuldades, acaba, por vezes, tornando-se um empecilho para esse desenvolvimento. Por não está preparada para as dificuldades étnicas, sociais, sociológicas e etc. dos alunos. Os professores esperam um modelo de aluno, todos precisam seguir um padrão pré-estabelecido pela escola. Caso o aluno esteja fora desse padrão, poderá ser excluído, marginalizado, deixado para trás. O resultará na evasão escolar, falta de aprendizagem e muitas outras consequências como mostra a autora.

A autora aponta como causa da dificuldade dos professores em avaliar a aprendizagem dos alunos a sua formação. As universidades pregam uma avaliação diagnóstica e formativa, mas muitos professores ainda adotam métodos tradicionais. Ao avaliar, o professor deve ter em mente que seu papel é acima de tudo ajudar o aluno a desenvolver seu potencial, por isso sua postura jamais pode pensar em diminuir a autoestima do aluno.

Muitas vezes a evasão escolar, assim como o fracasso escolar estão ligados a forma de avaliar a aprendizagem, utilizada pelos professores, apesar de existirem cursos de formação e aperfeiçoamento dos professores, ainda falta dar uma atenção

especial a esta tarefa tão importante, que é formar profissionais capazes de avaliar bem, pois o desafio é muito grande.

Embora os professores tenham um discurso voltado para a avaliação diagnóstica formativa, voltada para o desenvolvimento do aluno, na maioria das vezes, praticam uma avaliação classificatória. Muitos professores se sentem mais seguros quando lançam as notas, de certa forma lhes dá algum poder sobre os alunos e pensam que se perderem o apoio e a força que a nota lhes dá não serão mais capazes de manter a ordem em suas salas de aula, que impera o autoritarismo, que ainda é um valioso objeto de poder nas mãos dos professores, menos criativos e menos abertos às mudanças incapazes de acompanhar a velocidade de transformação da sociedade.

Um avaliador, que se preocupe com o que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconscientemente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá ser marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está caminhando os resultados de sua ação. (LUCKESI, 2003, p. 46).

Diante disso, o professor deve ver a educação com otimismo, acreditar no potencial dos alunos que estão sob sua responsabilidade é também uma forma de mudar sua prática avaliativa de classificatória para diagnóstica. Parar para analisar criticamente os resultados obtidos nas avaliações pode ser um grande passo na construção de uma nova forma de avaliar. Os resultados das avaliações não podem ser usados simplesmente para atribuir notas aos alunos, mas sim para o planejamento e a execução de novos trabalhos pedagógicos dos professores.

Para que a mudança ao avaliar aconteça é necessário que nasça o desejo, uma vontade do professor, e isso só será possível se o professor estiver insatisfeito com o que tem vivenciado em termos de avaliação. Mas enquanto o professor achar que a avaliação classificatória é justa, não fará nada para mudá-la.

Para Hoffmann (2005, p. 90), "O descontentamento dos professores com a prática tradicional, classificatória e mantenedora das diferenças sociais é o primeiro passo na direção de uma investigação séria sobre uma perspectiva libertária da avaliação". Desse modo, quando um professor enxerga a avaliação apenas como o cumprimento de mais um dever, age sem estímulo, quase automaticamente colaborando, sem perceber para a manutenção injusta da sociedade. Sem dúvida,

alguns professores nem se dão conta do quanto sua forma de avaliar é injusta, por não fazerem uma pausa para a reflexão sobre o assunto.

Ser professor nunca foi tarefa fácil e nas últimas décadas vem se travando uma luta entre o novo e o velho, tradicional e construtivismo. As conquistas foram muitas em relação a avaliação da aprendizagem, exigindo que o professor veja o aluno como sujeito do processo de construção do conhecimento, porém o que realmente se busca é atingir uma melhor qualidade de vida. Assim, compreender que esse processo de avaliação é peça fundamental para auxiliar o professor e o aluno na construção de uma aprendizagem significativa.

Nesse contexto, a postura do professor em relação as possibilidades de solução realizadas pelos alunos devem estar comprometidas com a concepção de erro construtivo. Isto quer dizer considerar o conhecimento produzido pelo aluno através de sua experiência de vida, ou seja, é conhecimento em processo de superação.

O objetivo do desafio que se enfrenta, quanto a uma perspectiva mediadora da avaliação, é, principalmente, a consciência coletiva dos educadores sobre sua prática, desvelando lhe princípios coercitivos e direcionando a ação avaliativa para o caminho das relações dinâmicas e dialógicas em educação. (HOFFMANN, 2005, p. 68).

De fato, um dos maiores desafios dos professores é se libertar da prática avaliativa tradicional, classificatória para uma perspectiva libertadora da avaliação. É necessário refletir na avaliação de maneira transformadora, onde o professor e aluno pensem juntos para transformar o erro em acerto. Sem dúvidas a avaliação precisa ocupar a sala de aula, para proporcionar o crescimento e as conquistas dos alunos, avaliando não somente os resultados, mas o desenvolvimento, a participação, a capacidade de expor sua opinião.

A reflexão ajuda tanto o professor quanto o aluno a se desenvolver, a conhecer novos problemas e a descobrir soluções. Segundo Hoffmann (2005, p. 87), "Professores, administradores, atendentes, funcionários, técnicos, pais e familiares devem estar disponíveis para refletir sobre os interesses, as necessidades, as conquistas das crianças, no sentido de auxiliá-las em suas tentativas". Nesse viés, evidencia-se que todo professor tem a missão de conduzir seus alunos a aprendizagem, pois, cabe a ele buscar alternativas para uma nova postura frente a difícil tarefa de avaliar. Esse profissional deve estar a serviço do progresso do aluno,

do seu crescimento enquanto pessoa, de forma a ajudá-lo a atuar bem na sociedade em que vive, tornando-o um cidadão crítico e consciente, capaz de atuar bem dentro e fora dos muros da escola. Essa é uma tarefa complexa, mas possível.

2.3 AVALIAÇÃO ESCOLAR COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Ao longo dos anos tem-se assistido um grande número de crianças serem excluídas das nossas escolas, e muitas vezes ficamos de braços cruzados, pois isso já se tornou tão natural, que não mais sensibiliza os gestores, professores e até mesmo os pais. Infelizmente essas crianças e jovens não estão aprendendo e estão perdendo o direito de aprender, mas poucos estão preocupados com essa situação.

Raramente se encontra educadores preocupados com a avaliação, isso porque é uma tarefa complexa e difícil. O professor precisa tomar decisões quanto a objetivos, conteúdos, procedimento, metodologias entre outros, mas decidir o que e como avaliar exige conhecimentos e habilidades. A educação não está voltada somente para as técnicas como também para o social e a política do processo de ensino-aprendizagem, pois é considerada um instrumento fundamental para a construção da cidadania.

Nesse contexto, não há como negar a importância da avaliação nesse processo, uma vez que proporciona informações precisas para a tomada de decisões quanto ao planejamento do ensino, das atividades a serem desenvolvidas dentro da sala de aula.

A avaliação deve ser realizada mediante a obtenção de informações precisas, em etapas sistemáticas, sobre os conhecimentos do indivíduo de sua formação. O conhecimento é expresso pelos seus desempenhos frente às tarefas propostas. As aprendizagens estão relacionadas e condicionadas tanto pelo ambiente de aprendizagem vivenciado na escola como pelas propostas de atividades. A avaliação deve ser um mecanismo regulador da prática educativa, através da compreensão de si mesma e da tomada de decisões a partir dos seus resultados. (LUCKESI, 2011, p. 17).

O autor traz a ideia de avaliação contínua. Ou seja, diariamente, o professor deve estar verificando a efetividade da aprendizagem do aluno, caso não esteja alcançando seus objetivos, possa repensar suas metodologias e propor novos caminhos a serem seguidos. Como pode-se perceber, a avaliação tem um papel muito

importante dentro do ambiente escolar e o professor precisa ter muito cuidado quando for avaliar o aluno.

Tudo que é trabalhado em sala de aula deve ser usado como recursos para fazer uma boa avaliação, a definição dos objetivos deve ser um fator de liberdade e criatividade tanto para o professor quanto para o aluno, e não um meio de pressioná-los e puni-los. A aprendizagem deve ser algo enriquecedor para o aluno, só assim a avaliação fará seu papel como modelo de ação, verificando se os objetivos estão sendo alcançados.

Existem vários meios de instrumentos de avaliação que podem ser usados para a prática avaliativa nas escolas, porém as provas escritas e orais e os testes são os mais usados. Segundo Luckesi (2011, p. 27), "o que chamamos de 'provas' nada mais é do que um 'teste de conhecimentos'". Para que a avaliação da aprendizagem seja justa e democrática precisa ser criativa, ter compromisso, recursos, informação e habilidade do professor.

O processo avaliativo destina-se a observar, refletir e favorecer melhores oportunidades aos alunos na sucessão de etapas que constituem a dinâmica de sua aprendizagem. A visão integral da aprendizagem exige respeito e consideração pela história do aluno, uma análise multidimensional, interdisciplinar, gradativa, dos percursos individuais de conhecimento, na qual cada informação é muito importante e pode enriquecer, complementar, negar ou afirmar considerações anteriores. (IBIDEM, p. 36).

Considerando esses aspectos se pensamos na avaliação em sua forma tradicional, o alvo será simplesmente a promoção do aluno. Nas primeiras aulas são discutidas as regras e os meios pelos quais serão obtidas as notas, muitas vezes o processo de aprendizagem do aluno é colocado em segundo plano.

Os estabelecimentos de ensino devem preocupar-se não somente com o futuro dos alunos como também com o presente, principalmente com a percepção do mundo, criatividade, posicionamento, criatividade entre outros. Se as escolas valorizarem apenas o saber mecânico serão incapazes de desenvolver tais habilidades. Hoje o mundo em que se vive está em constantes transformações e é necessário que o indivíduo a todo instante crie, inove, proponha novas soluções, mas para que isso aconteça, deve ser criado um espaço em que o aluno desenvolva suas estratégias para alcançar tais objetivos.

Para Esteban (2001, p. 99), "A avaliação tem estreita relação com a interpretação que o/a professor/a faz das respostas dadas". Nesse viés, a avaliação

quando realiza sua função de apoiadora cumpre com mais eficiência seu papel no que se refere ao ensino aprendizagem, quando é aceita de maneira pacífica como um instrumento positivo o indivíduo em seu esforço de competência, capacidade, habilidade e convivência social. Sendo assim pode-se entender sua função da seguinte forma:

Competência – domínio de conhecimento pelo educando a respeito de um tema. Cabe incentivar o aluno a não se contentar em recolher a aprender conteúdos colocados à disposição em sala de aula devendo enriquece-los em mais fontes.

Capacidade – o professor não se satisfaz de todo que seu aluno manifesta vasta gama de conhecimento a respeito de um determinado tema. Requerer que seu aluno saiba aplicar e relacionar esses conhecimentos.

Habilidade – seu aluno deve fazer uso da palavra-chave inerente à habilidade: criatividade de que seu aluno domina conhecimentos, sabe aplicá-los e relacioná-los, mas de forma criativa.

Convivência – o aluno recobra ou fortalece sua autoestima ao perceber sua maturidade estudantil em termos de competência, capacidade e habilidade; “ser-com-os-outros” e bem consigo mesmo e com a vida. (BOTH, 2011, p. 38, 39).

Diante de cada um dos componentes de avaliação representados é possível perceber sua interação, quando colocados em prática no cotidiano escolar não é possível aplicá-los separadamente, mas sim em conjunto. A postura do professor é de fundamental importância, pois avaliar o aluno não é somente avaliar seu desempenho levando em conta sua competência, mas com base na visão completa do conjunto desses componentes.

Nesse contexto, avaliar é muito mais do que identificar erros e acertos do aluno. Avaliar também significa apoiar intensamente o ser humano em suas dificuldades de aprendizagem. A ação de avaliar jamais sugere punição, muito menos humilhação diante de eventuais dificuldades de aprendizagem e desempenho. Para Garcia *et al* (2016, p. 193), o erro também poderá ter seu valor pedagógico, “pois através dele é possível direcionar novos caminhos, atitudes e comportamentos, infelizmente nem sempre isso ocorre em sala de aula, onde os resultados negativos são utilizados contra os alunos”.

Se a aprendizagem não ocorre naturalmente, é porque, entre outros motivos, não aconteceu suficiente avaliação. A aprendizagem sugere: amplo domínio de conhecimento a respeito dos temas abordados, aplicação dos conhecimentos assimilados; abordagem e aplicabilidade dos conhecimentos de forma criativa; ato de ensinar vale a pena quando ocorre aprendizagem e o ato de ensinar com contribuição dos alunos rende frutos, porque o ensinar, o avaliar e o aprender conjugam esforço. (IBIDEM, p. 191).

Partindo desse princípio, a avaliação tem como principal função diagnosticar não somente a aprendizagem e os processos, mas também as habilidades que não foram desenvolvidas, com um único objetivo de redirecionar a prática do professor e corrigir o processo.

Visando tornar o processo de avaliação mais eficiente e obter resultados individuais de cada aluno, o professor deve usar todos os recursos que estão ao seu alcance para ter o máximo de informações sobre o comportamento e rendimento, isso quer dizer que não convém utilizar apenas as provas como o único instrumento de avaliação, confiando apenas nela como se não falhasse.

O que o professor deve fazer é observar para conhecer melhor seus alunos, assim poderá identificar suas dificuldades e avaliar seu desenvolvimento nas tarefas realizadas em sala de aula. Somente através da observação direta é que os professores poderão colher e registrar muitas informações úteis sobre o rendimento escolar, terão a oportunidade de verificar a aprendizagem nas tarefas do cotidiano de sala de aula, pois nesse momento os alunos agem espontaneamente sem nenhuma pressão.

Com base nesses pressupostos, a observação pode fornecer não apenas dados sobre o rendimento e as dificuldades dos alunos, como a assimilação dos conteúdos estudados mais também o ajustamento pessoal e social. "A observação é talvez a técnica mais adequada para a apreciação dos aspectos do desenvolvimento que não podem ser aferidos através de provas, o que é muito importante para a escola atual, onde se pretende criar condições para que o aluno desenvolva sua personalidade integralmente e não apenas adquira conhecimento".

Os dados obtidos através da observação podem ser usados de forma proveitosa na apreciação do resultado do aproveitamento escolar do aluno, como também para o aperfeiçoamento do trabalho didático em sala de aula, pois, a partir das conclusões de suas observações, o professor pode introduzir modificações para adaptar os conteúdos curriculares e melhorar as estratégias de ensino. (HAYDT, 1992, p. 126).

A que a autora quer dizer é que o professor deve observar constantemente seus alunos nas mais variadas situações, observando não apenas os alunos considerados "indisciplinados", ou aqueles que tem problemas de aprendizagem, mas também os "quietinhos" e calados e até mesmo aqueles que aprendem com mais

facilidade. Pois eles também podem precisar de ajuda em determinado momento. Por esta razão é necessário que o professor também dê atenção a eles.

A avaliação deve levar o aluno a perceber a oportunidade a mais para a ampliação e o aprofundamento da aprendizagem e estabelecendo mediação entre o ato de ensinar e o ato de aprender. Firma convicção de que todo o processo avaliativo necessita ser bem preparado, com vistas a envolver todos os principais conteúdos que compreendem um tema. (BOTH, 2011, p. 48).

Não se avalia o aluno para saber se ele aprendeu, e sim para saber se ele, além dos conhecimentos, das informações transmitidas pelos professores ou buscadas pelo próprio aluno, adquiriu as competências, as capacidades e habilidades para a participação na sociedade, pois essa é uma tarefa que deve ser desenvolvida na escola, diante de sua principal função que é formar indivíduos integralmente, para que eles possam viver o presente e preparar-se para o futuro.

Ainda segundo o autor, o foco principal da avaliação não está no simples fato de aprovar ou reprovar os alunos, mas, sim, fazer com que a partir dela, consigam perceber o quanto e em que condições dominam, relacionam e aplicam os conteúdos e conhecimentos inerentes aos temas e aos diversos conteúdos existentes nas disciplinas. Dessa forma, não basta o professor ter domínio dos conceitos e instrumentos de avaliação, pois são considerados elementos estáticos, ele deve utilizar elementos dinâmicos e coloca-los criativamente a serviço da aprendizagem do aluno, fazendo da avaliação um processo inovador.

Portanto, como já foi dito, o processo avaliativo não é tarefa fácil. Exige muito mais do que apenas o comprometimento do professor. Ela precisa deixar de ser um momento final do processo avaliativo para se transformar na busca de compreensão das habilidades do aluno e novas oportunidades de conhecimento.

3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS DOS PROFESSORES NA EMEF ENGº FRANCISCO BARROS, COMUNIDADE DE CAMPO VERDE, ITAITUBA/PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para encontrar os resultados deste trabalho, foi empregado uma metodologia auxiliada a uma pesquisa qualitativa e descritiva, sendo esses métodos necessários para conhecer melhor os desafios dos professores na avaliação da aprendizagem na Escola Municipal Engenheiro Francisco Barros, Distrito de Campo Verde - Itaituba/PA. Dessa maneira, a coleta de dados ocorreu através de questionário com perguntas para os professores. No ato da entrega foi esclarecido que o mesmo era de caráter voluntário da pessoa como sujeito da pesquisa, de forma a informar sobre os objetivos e a importância da pesquisa em questão.

Esse estudo é bibliográfico, tendo como principais autores Both (2011), Hoffmann (1998, 2003, 2005), Libâneo (2002); Luckesi (2011), Saviani (1999), Veiga (2012) houve a necessidade de fazer um levantamento prévio dos principais autores que discutem o tema abordado. O trabalho trata-se de um estudo exploratório, pois o mesmo procura ampliar as questões relacionadas aos desafios dos professores na avaliação da aprendizagem. A referida pesquisa foi realizada em junho de 2018.

Os sujeitos da pesquisa foram 13 (treze) professores que trabalham na Escola Engenheiro Francisco Barros, todos atuantes no ensino fundamental menor, ou seja, do 1º ao 5º ano. No decorrer do trabalho realizado os professores responderam um questionário com 9 (nove) questões sobre o tema em questão, que foram elaboradas para análise da pesquisa de gráficos e tabelas que esclarecem os resultados obtidos. Foi possível notar que todos os entrevistados já concluíram o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e apenas quatro fizeram alguma especialização.

O tempo de serviço dos entrevistados nesta unidade de ensino apresentou-se com uma docente que trabalha há 26 anos nesta instituição, quatro entrevistados trabalham há 14 anos, cinco professores trabalham de 6 a 8 anos, e dois trabalham há 3 anos na Escola pesquisada.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

No ano de 1983, sob a administração do então Prefeito Municipal de Itaituba Francisco de Mendonça, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Engenheiro Francisco Barros deu início as suas atividades educacionais, localizada no Distrito de Campo Verde Km 30, município de Itaituba/PA, prestando serviços aos alunos que estudavam de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, em três turnos: manhã, intermediário e tarde. Possuía apenas duas salas de aulas, cozinha e um almoxarifado, com qual o quadro funcional de 03 professores, uma servente e uma professora responsável Iselda Honorato Selestrino que assumia tanto a direção da escola, como a secretaria escolar. No ano de 1986 aconteceu a implantação do 1º grau completo.

Em 2001 novas mudanças políticas ocorrem e a professora Quilda da Silva Ghizoni, que já era funcionária da instituição, assumiu a direção da escola e também trabalhou buscando melhorias. Entre elas lutou pela implantação do Ensino Médio através do GEEM (Grupo Especial De Ensino Modular), atual SOME. O Ensino Fundamental funcionava normalmente com turmas até a 8ª série.

No ano de 2013 iniciam-se as aulas no novo prédio e continua como Diretora a professora Rita Almada Ghizoni, sendo a vice-diretora a professora Cláudia de Sousa Almada. No ano de 2015 o Ensino Médio passou a ser regular com 04 turmas anexas a Escola Estadual Benedito Correia de Sousa, com uma clientela de 230 alunos funcionando no prédio da escola em parceria com o Estado.

Atualmente, a escola atende 878 alunos (oitocentos e setenta e oito) sob a direção da professora Claudia de Sousa Almada. O seu quadro de funcionários está composto por 52 pessoas entre professores e pessoal de apoio, em que este está distribuído da seguinte forma: 01 (uma) Diretora, 01 (uma) Secretária Escolar, 03 (três) Merendeiras, 27 (vinte e sete) Professoras, 03 (três) Vigias, 05 (cinco) Auxiliares de Serviços Gerais, 03 (três) auxiliar administrativo, 01 (uma) técnica e 01 (uma) cuidadora. A maioria dos funcionários é concursada pela Prefeitura Municipal de Itaituba-PA, porém, 15 (quinze) professoras do referido Centro são contratadas temporariamente. A missão da escola é contribuir para constantes melhorias das condições educacionais da população de Campo Verde, visando assegurar-lhe uma educação de qualidade dentro de um espaço criativo e acolhedor e que respeite os princípios humanos.

3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES ACERCA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Nessa abordagem de estudo utilizou-se a aplicação de questionários com nove perguntas. As respostas foram identificadas nos quadros através das siglas de P1 a P13, onde P= Professor, este subcapítulo relata as opiniões dos professores acerca dos desafios da avaliação da aprendizagem.

Entendendo a avaliação com um dos elementos essenciais no processo de ensino e aprendizagem, pensou-se em ouvir os professores dos anos iniciais do ensino fundamental da EMEF Engenheiro Francisco Barros com o objetivo de conhecer as práticas pedagógicas, formas e concepções de avaliação escolar. Assim, foram aplicados questionários a 13 docentes que lecionam de 1º ao 5º ano. Inicialmente foi perguntado aos professores na questão 1: **Como você entende a avaliação no processo de ensino e aprendizagem?** Observou-se que todos responderam ser a avaliação no processo de ensino e aprendizagem é fundamental para verificar se houve aprendizagem dos alunos.

De fato, a avaliação é uma atividade importante, necessária e permanente do trabalho do professor que deve acompanhar o processo de ensino-aprendizagem. A mesma precisa buscar uma melhor aprendizagem com a participação de todos os envolvidos no sistema educacional para obter os resultados concretos. A avaliação no processo educativo é fundamental, pois possibilita o professor conhecer o seu aluno, conferir o desenvolvimento, a aprendizagem de cada um de acordo com os objetivos propostos.

Na questão 2, foi perguntado: **A avaliação da aprendizagem que acontece na escola, cumpre seu objetivo?** O gráfico 1 mostra os resultados em que a maioria (69%) afirma que a avaliação que acontece na escola cumpre seu papel e apenas 31% afirmam que nem sempre a avaliação cumpre seu papel na escola.

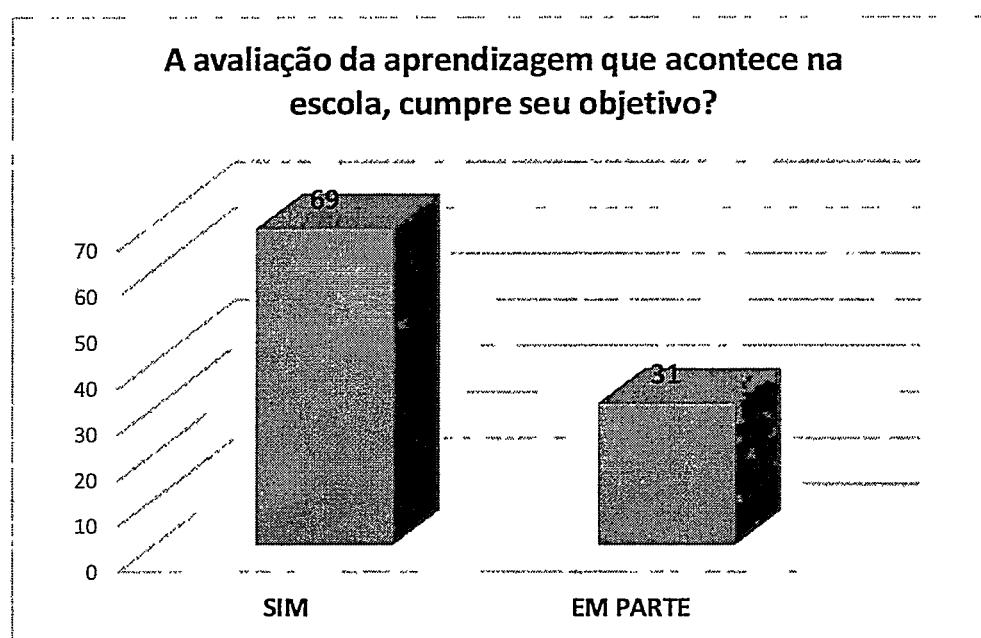


Gráfico 1. A avaliação da aprendizagem cumpre seu objetivo nesta escola?
 Fonte: Professores da EMEF Engº Francisco Barros, Itaituba (2018).

A avaliação não é um processo isolado, por isso deve ser realizado constantemente por estar associada ao desenvolvimento do aluno, é muito mais que atribuir notas, pois também serve para refletir a própria prática do professor, através da mesma é possível observar a aprendizagem dos alunos, seus avanços e dificuldades, e com os resultados avaliar o trabalho do professor e redirecioná-lo. Avaliação que cumpre seu papel é aquela que verifica o que o aluno aprendeu e se os objetivos propostos foram alcançados.

O gráfico 2 apresenta **as estratégias utilizadas para avaliar os alunos** (questão 3), segundo os professores, em que é apresentado os resultados: 23% relataram que avaliam através de exercícios escritos, 21% avaliam na participação das aulas e em eventos, 20% dos professores afirmam avaliar seus alunos através de provas escritas, 16% através da frequência, 15%, por meio das tarefas de casa. Por fim, outros 5% apontou que a avaliação também é feita por meio de prova oral, pesquisa e apresentações em sala de aula.

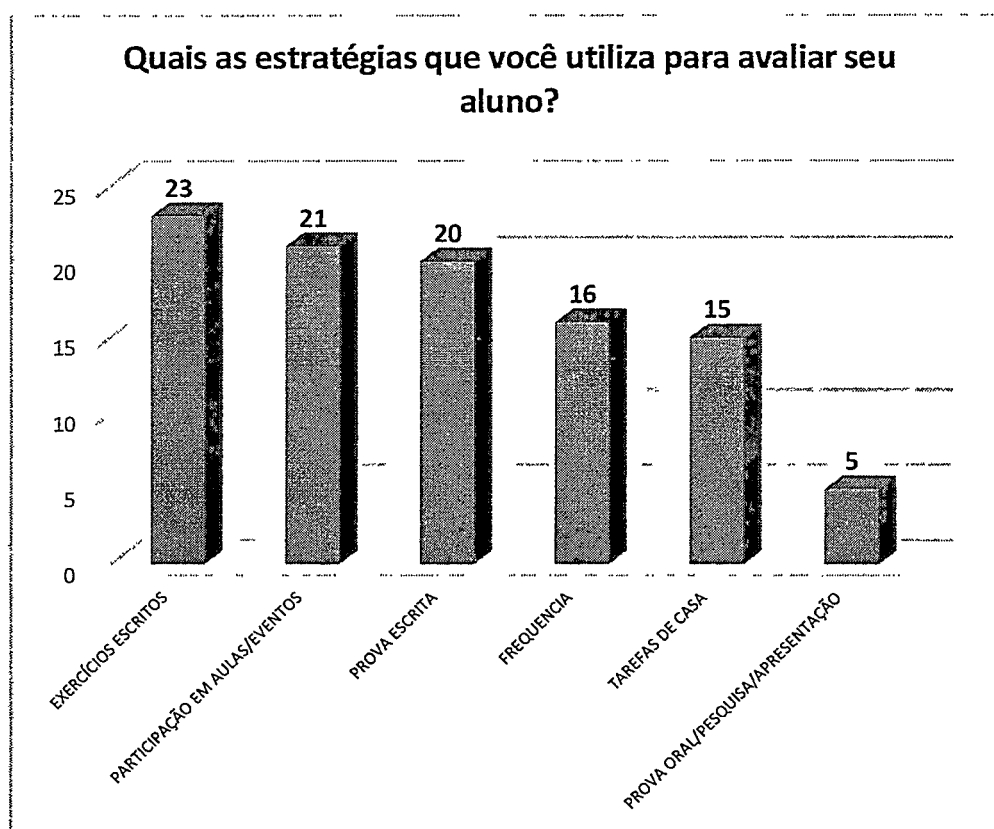


Gráfico 2. Estratégias utilizadas para avaliar a aprendizagem dos alunos.
 Fonte: Professores da EMEF Engº Francisco Barros, Itaituba (2018).

Os instrumentos de avaliação da aprendizagem devem ser bem diversificados ao longo do ano letivo e todos devem permitir ao professor colher informações sobre a capacidade de aprendizagem dos alunos. Não existe instrumento certo de avaliação que possa detectar totalmente o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos e é decisão do professor escolher quais instrumentos serão utilizados para melhor acompanhar o processo de aprendizagem de cada um.

De tempos em tempo, surgem variados “novos” procedimentos de avaliação, denominados inovadores, mas que, muitas vezes, não passam de roupagem nova às formas de avaliação já sobejamente conhecidas. Isso não significa que não se devam realizar tentativas na oferta de novos procedimentos e de renovadas dinâmicas avaliativas, ainda mais quando estes podem contribuir com a qualidade do processo de ensino aprendizagem ou de qualquer outra ação profissional. (BOTH, 2011, p. 94).

Inovar é de fundamental para o desenvolvimento dos alunos, pois apresentam grandes oportunidades de crescimento, porém é possível perceber que o que faz a maior diferença no processo de avaliação é o olhar do professor, avaliar é algo complexo e sempre é possível pensar em melhorar.

Em complementação à questão anterior, perguntou-se aos docentes que atuam de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, na questão 4: **Por que você avalia assim?** O quadro 1 traz o relato dos entrevistados.

Quadro 1. Justificativa quanto à forma de avaliação. Fonte: Professores dos anos iniciais do EF, Itaituba-PA.

Profº	Relato dos professores
P ₁	<i>"A forma de avaliar tem que ser um conjunto de habilidades para o aluno perceber que além da prova escrita o seu potencial possa ser observado em outras atividades".</i>
P ₂	<i>"É a maneira mais adequada para avaliar a aprendizagem e escrita do educando".</i>
P ₃	<i>"É importante que sejam proporcionados aos alunos vários momentos de avaliação, para multiplicar as possibilidades de aprendizagem diversificando os métodos utilizados, pois assim, se permite que os alunos apliquem os conhecimentos que vão adquirindo, executem as aprendizagens e propostas alcançadas".</i>
P ₄	<i>"Avaliação faz parte do ensino aprendizagem do aluno".</i>
P ₅	<i>"A partir do momento que o aluno entra na sala de aula já está sendo avaliado".</i>
P ₆	<i>"Analisar o processo de ensino aprendizagem da turma".</i>
P ₇	<i>"É a forma que o próprio sistema de educação implantou sem prova escrita, que a meu ver não deveria ser extinta nos anos iniciais".</i>
P ₈	<i>"Dessa forma o aluno busca participar das aulas com mais interesse".</i>
P ₉	<i>"O aluno precisa ser avaliado diariamente de maneira contínua e utilizando-se diferentes estratégias de avaliação".</i>
P ₁₀	<i>"Avaliando os alunos através da participação nas aulas e atividades desenvolvidas, como debates e discussões em sala de aula".</i>
P ₁₁	<i>"O aluno não pode ser avaliado apenas de uma forma, dessa maneira também deve ser analisado e cobrado de forma diferenciada".</i>
P ₁₂	<i>"A avaliação não é o bastante, muitas vezes o aluno pode se sair mal na avaliação escrita, mas durante as aulas o mesmo consegue participar de outra forma".</i>
P ₁₃	<i>"É a forma mais satisfatória para o aluno aprender, de forma formativa não somente a prova, mais através da participação em sala de aula, como de casa e atividades variadas".</i>

De acordo com as justificativas apresentada pelos professores entrevistados, em relação a forma de avaliar, pode-se afirmar que a avaliação é um mecanismo utilizado em diferentes metodologias para que de fato a aprendizagem aconteça. Cabe a cada professor fazer o uso das mais diferentes formas de avaliar, pois, a avaliação não é algo pronto e acabado, ela deve ser flexível e se adequar a realidade da escola e também do aluno.

Dessa forma, fazendo uma análise nas respostas dos professores e também de acordo com a leitura, sobre como avaliar é possível afirmar que a avaliação deve ser algo contínuo e constante. Deve se basear também nas experiências dos professores uma vez que hoje com tantas metodologias e técnicas educacionais, a avaliação escrita não deve ser a única maneira de se avaliar o desenvolvimento

intelectual de um aluno.

Todavia, é necessário planejar como se irá avaliar e fazer o uso de todos os métodos possíveis para se avaliar um aluno, podendo assim explorar as mais diferentes formas de aprender de cada aluno. Dando continuidade a entrevista foi perguntado aos professores na questão 5: **Como você procede se o aluno não estiver correspondendo aos objetivos propostos daquela aula?** O quadro 2 traz o relato dos entrevistados.

Quadro 2. Procedimentos utilizados para objetivos não alcançados. Fonte: Professores dos anos iniciais do EF, Itaituba-PA.

Prof ^o	Relato dos professores
P ₁	<i>"Depende do motivo que leva a chegar a essa situação, mas na maioria das vezes explicar o assunto sempre que necessário coletivo ou individualmente utilizando meios favorece esse aprendizado".</i>
P ₂	<i>"Tentar desenvolver uma aula que esteja no nível da turma".</i>
P ₃	<i>"Desenvolver novas metodologias".</i>
P ₄	<i>"Criar uma nova metodologia fazendo com que o aluno tenha vontade de estudar".</i>
P ₅	<i>"Repensar nas metodologias utilizadas e buscar alternativas para solucionar essa dificuldade".</i>
P ₆	<i>"Planejando atividades paralelas de acordo com diferentes níveis de conhecimento dos alunos e acompanhá-los de forma individual".</i>
P ₇	<i>"Procurando uma metodologia diferente para trabalhar com o aluno, uma forma que facilite a aprendizagem".</i>
P ₈	<i>"Buscando formas diferenciadas com aquele aluno que está com dificuldade, usando sempre bons resultados".</i>
P ₉	<i>"Procurando sempre trabalhar de acordo com o nível de aprendizado de cada aluno com atividades que correspondem ao seu entendimento".</i>
P ₁₀	<i>"É necessário mudar a metodologia. Utilizar recursos diferenciados".</i>
P ₁₁	<i>"Investigando o motivo. Dependendo do que se trata, conversando com o aluno, criando maneiras diferentes para atrair a atenção desse aluno".</i>
P ₁₂	<i>"Buscando outras estratégias, levando o aluno a dialogar em aulas expositivas seu conhecimento sobre os assuntos abordados, produção de atividades em grupo, integrando alunos que conseguiram compreender com alunos que não assimilaram muito".</i>
P ₁₃	<i>"Trabalhando de maneira diferenciada buscando priorizar a participação de alguns alunos".</i>

Em relação aos procedimentos realizados para aqueles objetivos que não foram alcançados, os entrevistados foram enfáticos em afirmar que é preciso fazer mudanças nas metodologias de ensino utilizadas. Dessa forma, buscar outras alternativas é fundamental para que a aprendizagem aconteça de fato, ou seja, que o conhecimento seja assimilado pelo aluno.

De certa maneira, o uso de metodologias e técnicas que não sejam atrativas para os alunos não trarão bons resultados, para isso cabe a cada professor repensar

as suas práticas e talvez até mesmo, fazer mudanças na sua postura em relação a prática de ensinar.

Ainda foi perguntado aos professores dos anos iniciais, na questão 6: **Os instrumentos de avaliação utilizados para averiguar a aprendizagem do aluno devem ser variados e adaptados às diferenças individuais. Você concorda com essa afirmação? Esse é o seu procedimento, enquanto professor do ensino fundamental?** O quadro 3 traz o relato dos professores.

Quadro 3. Utilização de instrumentos de avaliação variados. Fonte: Professores dos anos iniciais do EF, Itaituba-PA.

Profº	Relato dos professores
P ₁	<i>"Sim, cada professor sabe da capacidade e dificuldade de seus alunos e sempre que possível utiliza de seus alunos e sempre que possível utiliza recursos que possibilite verificar o desenvolvimento do aluno".</i>
P ₂	<i>"Sim, estamos avaliando o desenvolvimento de cada aluno".</i>
P ₃	<i>"Sim, usamos vários métodos de avaliação, pois a mesma deve acontecer de forma continua, assim o professor vai se sentir mais seguro e justo ao avaliar o aluno no seu contexto e em todas as suas atividades realizadas em sala de aula".</i>
P ₄	<i>"Sim, o aluno não deve ser avaliado só com prova, deve ser usado outros métodos".</i>
P ₅	<i>"Sim, avaliação feita na leitura e na escrita".</i>
P ₆	<i>"Sim, pois cada educando aprende de uma forma diferente".</i>
P ₇	<i>"Sim, sempre que possível variados, porque de alguma forma o aluno consegue aprender com esses instrumentos".</i>
P ₈	<i>"Sim, pois tem alunos que tem dificuldades em certas disciplinas, como em português, matemática, já outras não, aprendem com facilidade".</i>
P ₉	<i>"Sim, avaliar os alunos individualmente sempre priorizando conceitos de aprendizados e não de comportamento".</i>
P ₁₀	<i>"Sim, ajudando o aluno a progredir de maneira diferente, explicando de forma mais simples, mais longa ou diferente, engajando-os em nova tarefa mais mobilizadora ou mais proporcional aos seus recursos".</i>
P ₁₁	<i>"Sim, aplicando técnicas que facilitem a aprendizagem do aluno".</i>
P ₁₂	<i>"Sim, pois não existe só um método de avaliação usada pelos professores em sala de aula".</i>
P ₁₃	<i>"Sim, apesar das dificuldades sempre procuramos avaliar os alunos de acordo com suas necessidades".</i>

Fazer o uso de diferentes recursos de avaliação é uma prática entre os educadores, portanto, há uma variedade de formas de avaliar. Assim, não se pode, e não se deve aceitar apenas um tipo de avaliação, pois como mencionado pelos próprios professores cada aluno é diferente e essa diferença deve ser respeitada. E, sendo diferente uns dos outros o professor tem a possibilidade e até mesmo a obrigação de fazer uso de métodos avaliativos diferentes.

Sendo assim, os recursos devem ser os mais diferentes possíveis, preciso haver essa variação das técnicas de avaliação, pois se somos considerados seres

únicos, também temos jeitos únicos de aprender, e somos capazes de aprender o mesmo conteúdo através de metodologias e instrumentos diferentes.

Na questão 7 foi perguntado o seguinte: **Quais as suas maiores dificuldades ao avaliar o seu aluno?** No quadro 4 estão descritas as falas dos professores entrevistados.

Quadro 4. Maiores dificuldades ao avaliar o aluno. Fonte: Professores dos anos iniciais do EF, Itaituba-PA.

Prof ^o	Relato dos professores
P ₁	<i>"Percebo que o aluno tem inúmeras dificuldades e procuro encontrar pontos positivos que favoreçam esse aprendizado".</i>
P ₂	<i>"Às vezes trabalhamos conteúdos com alunos de várias formas e parece que eles não entendem".</i>
P ₃	<i>"A maior dificuldade é identificar as dificuldades dos alunos e elaborar atividades que serão realizadas pelos alunos".</i>
P ₄	<i>"Quando o aluno não sabe ler, sinto dificuldade de avalia-lo".</i>
P ₅	<i>"Quanto a leitura".</i>
P ₆	<i>"Quando o educando não atinge os objetivos no decorrer das atividades propostas durante a aula".</i>
P ₇	<i>"Quando o aluno não quer aprender por falta de interesse dele próprio e por parte da família que não ajuda".</i>
P ₈	<i>"Avaliar não é tão simples, gosto de avaliar os alunos através da participação nas aulas, organização do caderno, comportamento, mas encontro muitas dificuldades em avaliar na questão do comportamento".</i>
P ₉	<i>"A maior dificuldade de avaliar o aluno é quando o mesmo é indisciplinado, não faz as atividades propostas diariamente pelo professor".</i>
P ₁₀	<i>"A maior dificuldade é avaliar o aluno que pouco se expressa durante as aulas, não demonstra interesse em participar das aulas, não participa das discussões ou debates em sala de aula".</i>
P ₁₁	<i>"Acredito que seja a grande demanda de algumas turmas. Quanto mais alunos em sala de aula mais complicado o olhar individual".</i>
P ₁₂	<i>"É avaliar aquele aluno que se julga incapaz de aprender, pois o mesmo não tem interesse em fazer nada na sala de aula".</i>
P ₁₃	<i>"Quando o aluno não demonstra interesse em aprender, por mais que o professor se esforce o aluno não desenvolve".</i>

De acordo com as respostas obtidas, uma das maiores dificuldades de avaliar o aluno se refere à falta de interesse e de comportamento do mesmo. Sabemos que a nossa educação vem passando por grandes mudanças e que algumas delas vem ocorrendo de uma desorganizada, desestruturada. Essas mudanças na educação e também na sociedade como um todo se reflete dentro das salas de aula e algumas delas acabam por dificultar a eficiência do avaliar e do aprender.

As dificuldades para avaliar os alunos são muitas, requer muito compromisso por parte do professor com uma educação transformadora, dando possibilidades do aluno se libertar, uma avaliação justa e ética. Não uma avaliação que destrua a

autoestima do aluno, mas sim, que o leve a se sentir capaz e competente, ou seja, uma avaliação que conduza o crescimento do aluno ao seu avanço pessoal e não a reprovações e a evasão escolar.

Diante disso, o professor precisa estar preparado sem se dar por vencido, pois, apesar da tão difícil tarefa do ato de avaliar, todo professor é capaz de fazê-lo.

A estrada é longa mais não inviável. Os bons professores de cada escola, se ouvidos os grandes pedagogos do passado e do presente se atenciosamente ligados, as formidáveis experiências daqui e dali, se trocadas, podem mostrar que a escola brasileira é capaz de criar, portanto está apta para se transformar e para transformar seu tempo. (MELO; BASTOS, 2012, p. 189).

Avaliar o desempenho escolar dos alunos nem sempre é tarefa fácil, pois cada pessoa tem sua maneira de aprender. Na questão 8 foi perguntado: **Em sua opinião, qual a melhor forma de avaliar o desempenho do aluno?** O quadro 5 traz o relato dos professores.

Quadro 5. Melhor forma de avaliar o desempenho do aluno. Fonte: Professores dos anos iniciais do EF, Itaituba-PA.

Prof ^o	Relato dos professores
P ₁	"É quando o aluno mostra interesse pela busca do aprendizado pra mim já 'uma forma de avaliação, mas a melhor forma no momento está sendo a prova escrita que deve ser complementada com outras estratégias"
P ₂	"Deve ser continuar, não só com provas, mas através da observação e participação do aluno em sala nas atividades escritas".
P ₃	"O aprendizado e a avaliação devem fazer sentido para o aluno e não ser visto como uma obrigação para se atingir a aprovação final. As avaliações podem ser feitas estimulando a cooperação entre os alunos e analisando a capacidade de relacionar as diferentes áreas do conhecimento do sujeito".
P ₄	"A melhor forma é a prova escrita".
P ₅	"Através de atividades na leitura e escrita".
P ₆	"Através de observação do aluno, avaliando as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, prevalecendo os aspectos qualitativos".
P ₇	"Através do desempenho nas atividades propostas em sala de aula, em que o aluno demonstra que realmente assimilou os conteúdos".
P ₈	"Através da leitura e escrita e a avaliação contínua".
P ₉	"É avaliar diariamente com correções das atividades e vistos, leitura diária, tanto individual como coletivamente, teste de tabuada, ditados e frequência diária do aluno".
P ₁₀	"A avaliação é necessária, pois através dela docentes e discentes passam a conhecer pontos fortes e fracos do processo ensino-aprendizagem e assim ambos tomem as providencias necessárias para uma melhor aprendizagem".
P ₁₁	"Acredito que a melhor forma é aquela na qual o professor consegue obter informações sobre o desenvolvimento do aluno. Então a "melhor" pode variar de aluno para aluno".
P ₁₂	"Acredito que de forma quantitativa seja o mais realizado dentro das escolas, porém, avaliar de forma contínua seria muito melhor e os alunos não estariam preocupados em decorar, assim teriam um aprendizado mais prazeroso".
P ₁₃	"Deve ser contínua, não só com provas, mas através da observação e participação".

A melhor forma de avaliar o desempenho dos alunos, segundo a maioria dos entrevistados deve ser contínua. Uma vez que, cada dia o aluno aprende algo novo, mas essa avaliação mesmo que contínua deve ser prazerosa, haja visto que, é comprovado por estudos de diversos autores entre eles Both, que quando a aprendizagem e a avaliação se torna algo prazeroso, realizado pelo aluno, com gosto, com alegria os resultados serão positivos, caso contrário será um tédio, algo que lhe trará frustração. Portanto, avaliar o desempenho do aluno requer uma atenção redobrada do professor, pois não se aprende somente copiando ou tendo sua nota de conhecimento obtida em uma única prova escrita.

Para poder chegar a uma mudança significativa sobre a prática da avaliativa, é preciso transformar a avaliação escolar em diagnostica, só assim a avaliação da aprendizagem vai atender a uma prática pedagógica que esteja preocupada com a transformação da sociedade. Todavia, para que isso aconteça, precisa deixar de ser autoritária e tradicional, deve buscar mudanças que conduzam a construção do conhecimento.

A prática avaliativa não irá mudar em nossas escolas em decorrência de leis, resoluções, decretos ou regimentos escolares, mas a partir do compromisso dos educadores com a realidade social que enfrentamos. Questionar os procedimentos avaliativos seletivos e excludentes das nossas escolas é uma das etapas desse compromisso. (LUCKESI, 2011, p. 36).

Concluindo a entrevista com os professores, perguntou-se na questão 9: **Em sua opinião, quando uma avaliação deve ser realizada? Em quais situações ou momentos?** É possível conhecer a fala dos entrevistados no quadro 6.

Quadro 6. Quais os momentos se deve avaliar o aluno. Fonte: Professores dos anos iniciais do EF, Itaituba-PA.

Prof ^o	Relato dos professores
P ₁	"A avaliação é contínua e o professor sabe da capacidade de cada aluno, mas relacionada a prova escrita ou outras atividades por bimestre. Em outras situações só por motivo de viagem ou doença".
P ₂	"No momento em que professor achasse necessário. Ex: a cada dois conteúdos trabalhados pudessem realizar uma avaliação em sala de aula".
P ₃	"Deve ser vista como um instrumento de aprendizagem cada educando aprende de forma diferente, assim deve acontecer de forma contínua para melhorar o ensino aprendizagem de forma que o trabalho do professor seja produtivo".
P ₄	"Na minha opinião não seria necessária semana de prova, avaliação ficaria por conta do professor, o mesmo deveria aplicar sua avaliação de acordo com o desenvolvimento e o término de cada conteúdo trabalhado".
P ₅	"Em todo bimestre e no cotidiano, como sabemos avaliação acontece em todo processo ensino aprendizagem".

P ₆	<i>"Durante e após as atividades propostas individual, coletiva e através de prova escrita".</i>
P ₇	<i>"Em todos os momentos desde que esteja participando ativamente das atividades propostas".</i>
P ₈	<i>"No final de cada bimestre no intuito de avaliar o desempenho dos alunos".</i>
P ₉	<i>Acredito que no final de cada bimestre é importante a aplicação de uma avaliação para diagnosticar o nível de aprendizagem de cada aluno na assimilação dos conteúdos ministrados no bimestre, destacando-se que a prova escrita não seja a única forma de avaliar o aluno".</i>
P ₁₀	<i>"Acredito que a avaliação deve ser contínua, desde que observe a participação, pontualidade, realização das atividades propostas, não necessariamente prova escrita".</i>
P ₁₁	<i>"Acredito que o aluno deve ser avaliado durante todo o processo de ensino aprendizagem".</i>
P ₁₂	<i>"Deve ser realizada no final de cada bimestre para verificação do que o aluno aprendeu e/ou no que precisa melhorar e se sabe que a avaliação é contínua, ou seja, o aluno é avaliado todos os dias, porém a avaliação realizada no final de cada bimestre se faz necessário.</i>
P ₁₃	<i>"Deve ser realizada no final de cada bimestre para ver o que o aluno aprendeu durante o bimestre, porém faz-se necessário avaliar não somente com prova escrita, mas através de todas as atividades propostas no decorrer do bimestre".</i>

A avaliação deve ocorrer de maneira contínua. Desse modo, cabe ao professor fazer as suas observações e análise ao final de cada conteúdo. Não deve haver um momento específico para se avaliar, pois a cada atividade desenvolvida deve se analisar se os objetivos foram alcançados e se houve a assimilação do conteúdo por parte do aluno, ou seja, a avaliação deve acontecer a todo instante, pois vivemos em uma sociedade que está nos avaliando constantemente.

Portanto, a avaliação através de testes e provas fazem com que os professores, nem sempre levem em conta o que foi ensinado e o conhecimento que o aluno adquiriu durante o ano letivo.

3.5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Diante dos desafios apresentados no processo de avaliar pode-se deixar como proposta que professores tenham formação continuada voltada para a temática da avaliação, para que eles possam refletir mais sobre avaliação como ferramenta de aprendizagem e trabalhem de forma diferenciada levando em consideração a trajetória do aluno para poder alcançá-lo.

Foi acordado com a direção da escola a realização de uma formação para socialização do resultado desta pesquisa que foi muito importante observar que os professores entendem a avaliação como fundamental para avaliar seus alunos. Na oportunidade acontecerá uma oficina sobre diversos instrumentos avaliativos, assim como uma palestra sobre a importância da avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi sem dúvida pesquisar a importância de se utilizar diversos instrumentos avaliativos no processo de aprendizagem, porque essa variedade permite obter maiores informações sobre o desenvolvimento dos alunos, permitindo ao professor redirecionar sua prática para se tornar um professor mediador do processo ensino aprendizagem. Desse modo, estudou-se que as provas e os testes ainda hoje são considerados instrumentos válidos, porém, é necessário que os professores lembrem que esse tipo de avaliação apenas classifica os alunos no final do ano letivo.

Também foi possível perceber que durante muito tempo a avaliação da aprendizagem era usada apenas como objetivo de classificação dos alunos, como forma de selecionar os bons e os maus alunos. Com o passar dos anos, muitos estudos e avanços, a avaliação tem tentando realizar um papel diagnóstico e mediador.

Diante disso, observou-se no decorrer deste trabalho, que ainda existem muitos professores que não compreendem o verdadeiro sentido dessa ação tão importante que é avaliar, por isso realizam a avaliação como meio de controlar seus alunos indisciplinados.

A avaliação da aprendizagem não deve ser uma punição e nem um instrumento de controlar o comportamento dos alunos em sala de aula, pois uma escola que classifica seus alunos devido ao seu comportamento não está cumprindo seu papel na sociedade, que é o de ensinar a todos e contribuir para formação humana. A avaliação deve ser vista como suporte para conduzir o ato de ensinar e aprender, por isso uma boa avaliação permite analisar os resultados e direcionar os próximos passos confirmando o compromisso da aprendizagem.

De acordo com a pesquisa realizada, os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores dependem dos objetivos traçados no planejamento, bem como as condições de tempo do professor e dos alunos.

Existem vários desafios dentro e fora da sala de aula que dificultam o trabalho do professor, como a transformação da sociedade, novas tecnologias entre outras. Esses desafios e transformação incluem a mudança de valores e condutas que causam a desvalorização do professor pela sociedade. Algumas mudanças pedagógicas devem ser feitas quando o professor percebe que o aluno apresenta

dificuldade de aprendizagem, como os métodos pedagógicos, deve usar práticas inovadoras, deve mudar a forma de lecionar suas aulas e o apoio dos pais é de suma importância. Seja qual for a dificuldade social ou intelectual, o professor deve estar disposto a ajudar.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Marli E. D. A. de; PASSOS, Laurizete F. **Avaliação escolar: Desafios e perspectivas**. In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (orgs). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BARBOSA, Jane Rangel Alves. A avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo: Um Desafio para o Educador. **Democratizar**. V II. N 1. Jan/abr. 2008.

BLASIS, de Eloisa. **A avaliação educacional: os desafios da sala de aula e a promoção da aprendizagem**. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social, 2014.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, e avaliando que se ensina**. 2. Ed. Curitiba: Ibpx, 2008.

BOTH, Ivo José. **Avaliação: "voz da consciência" da aprendizagem**. Curitiba: Ibpx, 2011. (Série avaliação educacional).

CARDINET, Jean. **Avaliar é medir?** 1ª Edição, Portugal, 1993.

CHUEIRI, Mary Estela Ferreira. Concepções sobre a Avaliação Escolar. **Estudos em avaliação educacional**, v.19, n.39, jan./abr. São Paulo, 2008.

FREITAS, Sirley Leite, COSTA, Michele Gomes Noé da, MIRANDA, Flavine Assis de. **Avaliação Educacional: formas de uso na prática pedagógica**. Rio de Janeiro. V.6. n.16, p.85-98, Jan/abr. 2014.

GARCIA, Regina Leite. Um currículo a favor dos alunos das classes populares. Cadernos CEDES. São Paulo, Cortez, 1984.

GARCIA, Tiago T.; BAZON, Sebastião D.; PASCOALINO, Wlamir José; ORTOLAN, José A. Avaliação como ferramenta facilitadora para a aprendizagem. **Revista Científica UNAR**, Araras (SP), v.13, n.2, p.182-199, 2006.

GONÇALVES, Alba Lúcia; LARCHERT, Jeanes Martins. **Avaliação da aprendizagem**: Pedagogia, módulo 4, volume 6. EAD. Ilhéus, BA: EDITUS, 2011.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 3ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1992.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Contos e Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **Avaliação mediadora: Uma prática em construção da Pré-Escola à Universidade**. 20 Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____. **Avaliação: Mito e desafio: Uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública** - A pedagogia crítica social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 18ª ed., 2002.

_____. **Didática**. São Paulo, Editora Cortez, 1994.

LIMA, Michelle Fernandes; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; PINHEIRO, Luciana Ribeiro. **A função do currículo no contexto escolar**. Curitiba: Ibpex, 2011. (Série Formação do Professor)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar: Estudos e proporções**. 22ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de didática**. – Curitiba: Ibpex, 2008.

MELO, Édina Souza; BASTOS, Wagner Gonçalves. Avaliação Escolar como Processo de Construção de Conhecimento. **Est. Aval.** São Paulo. v. 23, n. 52. p. 180-203, maio/agosto: 2012.

MENEGHEL, Stela Maria; KREISCH, Cristiane. Concepções de avaliação e práticas avaliativas na escola: entre possibilidades e dificuldades. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. – PUCPR. 26 a 29 de outubro de 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!** 32. Ed. Campinas, SP: Autores Associados. 1999.

TEIXEIRA, Josele; NUNES, Liliane. **Avaliação escolar: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática**. 29ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **Fundamentos Sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

**APÊNDICE A –
QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES**

FAI- FACULDADE DE ITAITUBA

ACADÊMICA: **ELIETE CUNHA DA SILVA**

TEMA: **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Prezado (a) professor (a), este questionário pretende recolher informações sobre a avaliação da aprendizagem escolar para a construção da minha monografia de graduação. Agradeço a colaboração.

Identificação

*Formação: _____

* Anos de experiência docente:

() Menos de 5 anos () De 5 a 10 anos () mais de 10 anos

* Série/Ano que leciona: _____

Questões da prática:

1. Como você entende a avaliação no processo de ensino e aprendizagem?

() Fundamental () Nem sempre necessária () De pouca relevância
() Outra: _____

2. A avaliação da aprendizagem que acontece na escola, cumpre seu objetivo?

3. Quais as estratégias que você utiliza para avaliar seu aluno?

() Prova escrita () Prova oral () Participação nas aulas
() Frequência () Exercícios escritos () Tarefas para casa
() Trabalhos de pesquisa bibliográfica
() Apresentação de trabalhos orais
() Participação em eventos da escola
() Outros. Quais? _____

4. Por que você avalia assim?

5. Como você procede se o aluno não estiver correspondendo aos objetivos propostos daquela aula?

6. Os instrumentos de avaliação utilizados para averiguar a aprendizagem do aluno devem ser variados e adaptados às diferenças individuais. Você concorda com essa afirmativa? Esse é o seu procedimento enquanto professor do ensino fundamental?

7. Quais as suas maiores dificuldades ao avaliar o seu aluno

8. Em sua opinião, qual a melhor forma de avaliar o desempenho do aluno?

9. Em sua opinião, quando uma avaliação deve ser realizada? Em quais situações ou momentos?
